



FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MARIA DO SOCORRO FERREIRA DA SILVA
TAMIRES SILVESTRE DA SILVA

TEA NA ADOLESCÊNCIA: Os desafios da socialização no ambiente escolar

PARAUAPEBAS

2023

MARIA DO SOCORRO FERREIRA DA SILVA
TAMIRES SILVESTRE DA SILVA

TEA NA ADOLESCÊNCIA: Os desafios da socialização em ambiente escolar

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Psicologia para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia

Orientador: Prof. Me. Dionis Soares de Souza.

PARAUPEBAS
2023

DA SILVA, Maria do Socorro Ferreira; DA SILVA, Tamires Silvestre
França TEA NA ADOLESCÊNCIA: Os desafios da socialização
em ambiente escolar. Orientador: Prof. Me. Diones Soares, 2023.

59 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia - FADESA, Parauapebas – PA, 2023.

Palavras - Chave: Adolescente; Autismo; Socialização.

Nota: A versão original deste trabalho de conclusão de curso encontra-se disponível no Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA em Parauapebas – PA.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho de conclusão, por processos fotocopiadores e outros meios eletrônicos.

MARIA DO SOCORRO FERREIRA DA SILVA

TAMIRES SILVESTRE DA SILVA

TEA NA ADOLESCÊNCIA: Os desafios da socialização em ambiente escolar

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Psicologia para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora



Prof. Esp. Milena Vieira Sousa
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia - FADESA



Prof. João Luiz Sousa Cardoso
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia - FADESA



Prof. Me. Diones Soares de Souza
Faculdade Para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA
(orientador)

Data de depósito do trabalho de conclusão ____/____/____

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus causa maior de chegar até aqui, pois foi quem me ajudou me dando saúde, fé e perseverança e não me deixou desistir. Dedico também as minhas filhas razão de viver Maria Eduarda Almeida da Silva e Paula Vitória Almeida e aos meus pais, Francisca Ferreira da Silva e Wilson Rodrigues da Silva, por fim dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada.

Maria do Socorro Ferreira da Silva

“Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio Paulo da Silva e Solange Helena Silvestre Pílares, pelo esforço e orientações que me guiaram durante toda a minha vida e formação como ser humano. Obrigada Pelo carinho, afeto, dedicação e cuidado que tiveram comigo durante toda a minha existência, vocês são meus maiores incentivadores da realização dos meus sonhos, muito obrigada por tudo, amo vocês. Dedico também ao meu esposo, Dulhio Deon, meu parceiro que foi capaz de me acolher em todos os momentos em que me vi desamparada, você foi meu pilar, muito obrigada meu amor, por você estar sempre ao meu lado fazendo parte deste grande momento, te amo. Dedico também às minhas amigas de graduação, grandes companheiras de jornada Brenda Silva, Erika Menezes, Elaine Mendonça, Viviane Araújo, Jessineide Duarte, Roberta Naiara e Jheise Miranda que sempre estiveram ao meu lado compartilhando suas experiências de forma construtiva. Gratidão”.

Tamires Silvestre

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todos aqueles que me ajudaram para que esse sonho se tornasse realidade, a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho de conclusão do curso, que participaram de forma direta ou indiretamente do desenvolvimento desta pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado. Agradeço a meus pais e minhas filhas, que me apoiaram ao longo de todos estes anos na universidade, agradeço a FADESA por ser a 1º instituição que ofertou este curso no município, oportunizando assim que eu realizasse um sonho. Agradeço também a todos os docentes que fizeram parte desta construção na minha vida acadêmica por 5 anos, transmitindo seus conhecimentos para minha formação profissional.

Maria do Socorro

Agradeço em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos, permitiu que tudo isso acontecesse, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode ter. Agradeço ao meu coordenador e Professor Dionis Soares, por ter aceitado acompanhar-me neste projeto seu empenho e dedicação foi essencial para a minha motivação à medida que as dificuldades iam surgindo o senhor mostrava total apoio e dedicação para orientar em qualquer dúvida. Por fim Expresso minha gratidão a todos os profissionais que me forneceram todas as bases necessárias para a realização deste trabalho, agradeço com profunda admiração.

Tamires Silvestre

“Eu não sou difícil de ler, faça sua parte. Eu sou daqui eu não sou de Marte. Vem cara, me repara. Não vê, tá na cara. Sou porta-bandeira de mim. Só não se perca ao entrar. No meu infinito particular.”

Arnaldo Antunes, Mariza Monte, Carlinhos Brown.

RESUMO

A discussão em torno da inclusão de crianças com espectro autista ou outras deficiências é crucial. A escola assume um papel fundamental nesse processo, sendo o melhor lugar para promover a inclusão social e educacional desses alunos. O estudo objetivou identificar e analisar os desafios enfrentados por alunos autistas e identificar as principais dificuldades em relação a socialização desses alunos. O transtorno se caracteriza por uma dificuldade na interação social e comunicativa, o que acaba por dificultar a inserção dessas crianças em qualquer ambiente. No entanto, acredita-se que a escola, juntamente com seus professores e alunos, pode contribuir para um ambiente inclusivo e acolhedor para todos. Este estudo investigou as principais dificuldades, os desafios e as barreiras diárias enfrentados por pessoas e especialmente os adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em situação de inclusão e socialização em ambiente escolar. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de natureza exploratória, tendo em vista que essa temática de tamanha envergadura e relevância, ainda está sendo alvo de precoces e limitadas pesquisas. A discussão que esse trabalho fomenta gira em torno dos desafios sociais enfrentados por adolescentes que foram diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista. Além de ressaltar que há uma necessidade urgente e emergente acerca de informações alusivas a essa problemática abordada nessa pesquisa. Concluímos que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio no desenvolvimento que causa danos na conversação e na convivência do indivíduo autista com o outro. Assim, é imprescindível a mediação de uma equipe qualificada para o melhoramento dessas áreas, incluindo o psicólogo para auxiliar na inclusão escolar do aluno com autismo.

Palavras-chave: Adolescente; Autismo; Socialização.

SUMMARY

The discussion around the inclusion of children with the autistic spectrum or other disabilities is crucial. The school assumes a fundamental role in this process, being the best place to promote the social and educational inclusion of these students. The study aimed to identify and analyze the challenges faced by autistic students and identify the main difficulties in relation to the socialization of these students. The disorder is characterized by a difficulty in social and communicative interaction, which ends up making it difficult for these children to enter any environment. However, it is believed that the school, together with its teachers and students, can contribute to an inclusive and welcoming environment for all. This study investigated the main difficulties, challenges and daily barriers faced by people and especially adolescents with autism spectrum disorder (ASD) in a situation of inclusion and socialization in a school environment. The methodology used was bibliographical research of an exploratory nature, bearing in mind that this theme of such scope and relevance is still being the target of precocious and limited research. The discourse that this work fosters revolves around the social challenges faced by adolescents who have been diagnosed with Autistic Spectrum Disorder. In addition to emphasizing that there is an urgent and emerging need for information alluding to this problem addressed in this research. We conclude that the Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a developmental disorder that damages the conversation and interaction of the autistic individual with the other. Thus, the mediation of a qualified team for the improvement of these areas is essential, including the psychologist to assist in the school inclusion of students with autism.

Keywords: Adolescent; Autism; Socialization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Adolescência	15
2.2 Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua história	18
2.3 A origem da Questão	24
2.4 Perspectiva histórico-cultural da inclusão de pessoas com TEA	27
2.5 Inclusão do adolescente com TEA no ambiente escolar	29
2.6 Desafios na socialização em ambiente escolar do adolescente com TEA ...	34
2.7 Oportunidade de intervenção utilizando o método ABA.....	39
2.8 Psicólogo e a inclusão escolar do adolescente	41
3 METODOLOGIA	45
4 RESULTADOS.....	47
5 DISCUSSÃO	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	54

INTRODUÇÃO

A fase da adolescência é uma das etapas da vida do ser humano onde são gerados inúmeros conflitos naturais de ordem social e psicossocial. Nesta fase, o adolescente vivencia experiências com o corpo e com a sexualidade, além de transformações relacionadas com o psicológico, de uma identidade em transformação, com novas representações de si mesmo (FEITOSA, 2018).

Nesta fase, a relação com os pares se torna uma grande questão, principalmente, quando esse adolescente apresenta um conjunto de sintomas que afetam as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida que é a interação social. Pois é dessa forma que se destaca o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga durante toda a vida (ALVES, 2020).

Nesse sentido, esses adolescentes poderão enfrentar dificuldades para adaptação psicossocial, afetando diretamente seu comportamento de socialização e interação nos diversos contextos, em destaque nesta pesquisa, o contexto escolar. Expressivos déficits de linguagem tem sido uma característica presente nessa fase e isso tem se tornado um desafio para o desenvolvimento comunicativo e relacional desses adolescentes (FEITOSA, 2018).

Diante de toda essa problemática levantada, há um grande ponto de interesse científico que gira em torno dessa questão: Como ocorre o processo de socialização de adolescentes com TEA no contexto escolar? Acreditamos que a resposta a essa pergunta parte do princípio de que devemos de fato tratar de uma inclusão “de verdade”. O Transtorno do Espectro Autista ainda é tido e visto como uma grande e desafiadora incógnita e isso não falando apenas do processo cognitivo e das aprendizagens, mas também e principalmente destacando as relações sociais (BONFIM, 2023).

Sendo assim, o presente trabalho justifica-se devido a uma demanda emergente de como agir, cuidar, compreender e principalmente inserir esse adolescente com TEA em contexto escolar. É partindo desse pressuposto, definiu-se como o objetivo principal dessa pesquisa: descobrir e analisar quais as principais emoções que se apresentam dentro do mundo autista de um adolescente. Ressaltando a importância de suas interações no espaço escolar caracterizado

pelos muitos desafios enfrentados pelo mesmo. Além disso, investiu-se também, como objetivos secundários: I) Identificar quais as maiores dificuldades dentro do espaço escolar que se apresentam diante de adolescentes que são diagnosticados com TEA.; II) Analisar de que maneira o fator emocional pode ser afetado mediante as relações sociais dentro do ambiente escolar e suas consequências, e III) Apresentar ferramentas psicológicas que podem contribuir e auxiliar para a diminuição dos impactos sociais gerados e causados por essas emoções (DE LIMA, 2020).

Para o alcance desses objetivos, realizou-se um estudo bibliográfico com livros e artigos referentes essa última década. Onde podemos perceber uma evolução bem significativa no avanço de matérias e conteúdos relacionados a temática abordada nessa pesquisa. Isso se tratando e levando em consideração que as informações que tentavam responder os questionamentos levantados nessa introdução aos anos anteriores aos conteúdos estudados e explorados ainda eram muito superficiais diante da profundidade de que se trata a questão (GOMES, 2023).

A Teoria da Análise do Comportamental Aplicada é de extrema importância no desenvolvimento de crianças e adolescentes com autismo e outros transtornos de aprendizagem. Dentro do ambiente escolar, o psicólogo escolar ou o psicopedagogo desempenham um papel crucial na implementação de estratégias para a inclusão efetiva desses alunos. Este trabalho visa destacar a eficácia da teoria apresentada por Skinner, inicialmente utilizada em testes laboratoriais, e como ela pode ser aplicada dentro da escola. É fundamental que essa informação alcance a população envolvida no Espectro, incluindo pais, professores, psicólogos e pedagogos, para que a inclusão ocorra com qualidade, real desenvoltura e técnicas que facilitem o desenvolvimento dos alunos. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é investigar, por meio da revisão da literatura, o papel do psicólogo no processo de inclusão de alunos autistas em escolas regulares e conhecer o método ABA neste processo. É essencial que a comunidade educacional esteja ciente da importância da inclusão e do papel do psicólogo nesse processo (MEDEIROS, 2021).

Sendo assim, é de suma relevância salientar que o ato de inclusão não pode se resumir apenas em incluir o aluno com necessidades especiais na escola regular, somente como ato obrigatório, mas sim, como um exercício prático alicerçado e referenciado em processos pedagógico e educacionais bem específicos e direcionados sobre a égide da diversidade encontrada no contexto escolar. Dentro

dessa perspectiva, podemos citar, Borges (2019, p.3, apud Bortolozzo, 2018, p.15) onde o mesmo afirma que “um aluno tem necessidades educacionais especiais quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando, assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado”.

A educação inclusiva é um movimento que transcende as barreiras físicas e pedagógicas da escola, reunindo em uma sala regular estudantes de diferentes perfis, incluindo neurotípicos e neuroatípicos, surdos e ouvintes, cegos e enxergantes, entre outros. A equipe escolar tem a responsabilidade de atentar-se para essas diferenças e construir estratégias eficazes para o ensino-aprendizagem desses sujeitos. Embora muito tenha sido escrito e teorizado sobre esse tema, é importante também discutir as implicações da perspectiva histórico-cultural na compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e na construção de práticas inclusivas para essa população. Como profissionais, é nosso dever buscar uma abordagem mais ampla e criativa para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade (MOREIRA, 2018).

Considerando a proposta teórica que será abordada neste estudo bibliográfico, fica evidente a relevância da pesquisa no atual cenário educacional. Nosso objetivo é enxergar o estudante autista através da perspectiva do Modelo Social da Deficiência, que não se concentra em suas limitações, incapacidades ou déficits. Pelo contrário, nossa abordagem está fundamentada na perspectiva histórico-cultural, liderada por Lev S. Vigotski, que busca caminhos possíveis para o desenvolvimento do indivíduo, reconhecendo que a deficiência social é um grande obstáculo para a inclusão e adaptação do sujeito no ambiente escolar e social (SERRA, 2020).

Dessa forma, nosso trabalho se dedica a dialogar, problematizar e afirmar que a escola é um espaço para todas as pessoas, sem exceção. Acreditamos que a instituição escolar é um direito de todos e um caminho possível para o diálogo e a aprendizagem a partir das diferenças. Com isso, somamos esforços para promover a inclusão e a adaptação do estudante autista no ambiente escolar e social, reconhecendo sua diversidade e singularidade (SILVA, 2022).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema relativamente novo na história da medicina, mas tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores. De acordo com Höher Camargo e Bosa (2009) e Schwartzman (2011), o autismo é um

transtorno de desenvolvimento com múltiplas causas, definido principalmente por critérios clínicos. As características do TEA são amplas, afetando indivíduos de maneiras distintas em áreas como a interação social, comunicação e comportamento. Atualmente, o termo "espectro autista" é utilizado para descrever o transtorno, dado às respostas inconsistentes aos estímulos e à heterogeneidade de habilidades e deficiências (OLIVEIRA, 2018).

O psiquiatra Leo Kanner foi um dos primeiros a estudar o autismo em 1943, mas o transtorno já teve várias denominações e definições antes de chegar à sua definição atual. Em 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) foi promulgada, visando garantir os direitos e liberdades fundamentais da pessoa com deficiência em condições de igualdade, promovendo sua inclusão social e cidadania. A partir dessa lei, presume-se que as pessoas com deficiência têm direito à inclusão em todas as esferas, incluindo o ambiente escolar. Em suma, o TEA é um transtorno complexo que requer atenção e estudo cuidadoso. A inclusão social e a garantia dos direitos das pessoas com deficiência são fundamentais para uma sociedade justa e equitativa (ODA, 2018).

A inclusão escolar é um processo complexo que envolve a adaptação de normas, regras e atitudes para atender às necessidades específicas de cada aluno com TEA. O objetivo é garantir que esses indivíduos tenham acesso à educação e possam se desenvolver plenamente em um ambiente que promove a socialização. Segundo Vygotsky, a inclusão requer uma intervenção psicopedagógica que enfatize a mediação semiótica na relação com o educando com deficiência (PIMENTEL, 2021).

A história da inclusão passou por um longo percurso até os dias atuais, com antecedentes extremamente necessários para o surgimento das leis que amparam as pessoas com deficiência. Este trabalho tem como objetivo apresentar esse histórico, bem como a evolução da educação oferecida às pessoas com TEA ao longo dos anos e a importância da inclusão para esse público (SILVA, 2018).

Os objetivos específicos incluem a definição do TEA, uma reflexão sobre a qualidade da inclusão oferecida a pessoas com TEA e a desconstrução do tabu que ainda permeia a sociedade em relação à inclusão, considerada algo relativamente "novo" na história do Brasil, a inclusão escolar é um processo crucial que exige uma abordagem profissional e cuidadosa para garantir que todos os alunos tenham acesso à educação e possam se desenvolver plenamente PEREZ, 2018).

Ao abordarmos o tema da inclusão, não podemos ignorar o longo caminho percorrido até os dias atuais. Este trabalho tem como objetivo apresentar a história da inclusão e seus antecedentes, que foram fundamentais para o surgimento das leis que garantem os direitos das pessoas com deficiência. Além disso, buscaremos traçar um panorama da educação oferecida às pessoas com TEA ao longo dos anos e refletir sobre a importância da inclusão para esse público (OLIVEIRA, 2018).

Ao longo do trabalho, abordaremos a definição do TEA, a história da inclusão, a qualidade da inclusão oferecida às pessoas com TEA e o verdadeiro significado da inclusão, que ainda é um tabu em nossa sociedade. É crucial que a sociedade, por razões sociais, culturais e pessoais, compreenda os direitos das pessoas com deficiência e como tem sido o processo de inclusão nas escolas regulares. Também é importante investigar a qualidade do ensino oferecido ao público com TEA (ODA, 2018).

Esperamos que, por meio da disseminação deste trabalho, a inclusão seja mais efetiva, eficaz e justa para todos os envolvidos. É fundamental que a inclusão seja vista como uma questão profissional e que sejam tomadas medidas concretas para garantir que todos tenham acesso aos mesmos direitos e oportunidades (SERRA, 2018).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Adolescência

Adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social (FEITOSA, 2015).

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (adolescents) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos, critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. Atualmente usa-se, mais por conveniência, agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens em programas comunitários, englobando assim os estudantes universitários e também os jovens que ingressam nas forças armadas ou participam de projetos de suporte social denominado de protagonismo juvenil. Nas normas e políticas de saúde do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos (DOS SANTOS et al., 2015).

Na maioria dos países, o conceito de maioridade do ponto de vista legal é estabelecido aos 18 anos, mas outros critérios existem e permanecem flexíveis e confusos, de acordo com os costumes e culturas locais. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade, e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade. O adolescente pode ter o voto opcional como eleitor e cidadão a partir dos 16 anos. O conceito de menor fica subentendido para os menores de 18 anos (SILVA et al., 2017).

Para Silva et al., (2017), é importante enfatizar que, devido às características de variabilidade e diversidade dos parâmetros biológicos e psicossociais que ocorrem nesta época, e denominadas de assincronia de maturação, a idade cronológica, apesar de ser o quesito mais usado, muitas vezes não é o melhor

critério descritivo em estudos clínicos, antropológicos e comunitários ou populacionais.

Puberdade é o fenômeno biológico que se refere às mudanças morfológicas e fisiológicas (forma, tamanho e função) resultantes da reativação dos mecanismos neuro-hormonais do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenal-gonadal. Estas mudanças corporais conhecidas como os fenômenos da pubarca ou adrearca e gonadarca são parte de um processo contínuo e dinâmico que se inicia durante a vida fetal e termina com o completo crescimento e fusão total das epífises ósseas, com o desenvolvimento das características sexuais secundárias, com a completa maturação da mulher e do homem e de sua capacidade de fecundação, através de ovulação e espermatogênese, respectivamente, garantindo a perpetuação da espécie humana (DO NASCIEMNTO, 2020).

. É importante observar que ocorre uma enorme variabilidade no tempo de início, duração e progressão do desenvolvimento puberal, com marcantes diferenças entre os sexos e entre os diversos grupos étnicos e sociais de uma população, inclusive de acordo com estado nutricional e fatores familiares, ambientais e contextuais. A menarca caracteriza a primeira menstruação da adolescente, vulgarmente conhecida pelo termo ficou mocinha, e ocorre em média aos 12,8 anos de idade, com a diferença significativa de 12,18 anos para as áreas urbanas e 12,89 anos para as áreas rurais do país (ALEIXO, 2015).

No Brasil, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) consideram a adolescência uma área de especialização dentro da pediatria, inclusive em relação a treinamentos de graduação, residência médica e alojamento hospitalar. O Ministério da Saúde, através de sua Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem (ASAJ), estará implantando, em breve, em todo o território nacional, o cartão do adolescente, cobrindo a faixa etária dos 10 aos 19 anos, 11 meses e 29 dias, incluindo uma mensagem final dirigida ao jovem adulto, e que incluirá vários dados sobre crescimento e desenvolvimento para acompanhamento, inclusive de imunização e prevenção de doenças transmissíveis, visando a um futuro melhor de uma população estimada em 35,3 milhões de brasileiros residentes no país (GOMES, 2016).

Esta fase da puberdade é marcada por intensas mudanças e desenvolvimento físico, emocional e psicossocial. É uma fase que marca a transição

da infância para a vida adulta, e inclui a puberdade, que envolve mudanças hormonais e físicas significativas. O desenvolvimento na adolescência é influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais. O ambiente escolar é um dos principais ambientes sociais em que os adolescentes se desenvolvem e se socializam (ALVES, 2020).

A adolescência é um período desafiador para qualquer pessoa, mas para aqueles no espectro autista, esses desafios podem ser ainda mais complexos. Habilidades sociais, sexualidade, autoestima, responsabilidade e ansiedade são apenas algumas das áreas que exigem novas habilidades e aprendizado constante. A sobrecarga emocional pode levar a reações extremas, como raiva, fuga e agressividade, tornando a comunicação clara e participativa entre cuidadores e adolescentes autistas crucial. É importante evitar infantilizar os interesses e comunicações, oferecendo respostas adequadas à idade. A ajuda para entender os sinais sociais também é essencial para a formação da identidade. A percepção de si mesmo em relação a outros jovens pode ser um desafio, e é importante estimular a descoberta de habilidades e interesses para facilitar a conexão e o diálogo. Compreender cada novo desafio, emoção e sentimento é fundamental para superar as barreiras típicas dessa fase da vida. A intervenção e a terapia são importantes, mas o apoio da família é fundamental para o sucesso do adolescente autista (SILVA, 2021).

Na escola, adolescentes aprendem novas habilidades, conhecimentos e valores que são importantes para o desenvolvimento da identidade e da autoestima. Além disso, a interação com colegas e professores pode ajudar os adolescentes a desenvolverem habilidades sociais, como empatia, cooperação e respeito. Entretanto, o ambiente escolar também pode apresentar desafios para os adolescentes. Pressões acadêmicas, como a necessidade de obter boas notas e de ser aceito em uma faculdade, podem aumentar o estresse e a ansiedade. Bullying e exclusão social também podem ser fatores prejudiciais ao desenvolvimento saudável. Para que o ambiente escolar contribua positivamente para o desenvolvimento na adolescência, é importante que haja um ambiente acolhedor e respeitoso, em que os adolescentes se sintam seguros e apoiados. Os professores e equipe escolar precisam estar atentos às necessidades dos adolescentes, e oferecer suporte emocional e educacional (DE LIMA et al., 2020).

Além disso, a escola pode oferecer programas de orientação e apoio para os adolescentes, como intervenções para prevenir o bullying e a exclusão social, e atividades extracurriculares que incentivem os adolescentes a se engajarem em atividades saudáveis e a desenvolver habilidades sociais, a adolescência é um período importante de desenvolvimento, e o ambiente escolar pode desempenhar um papel significativo na socialização e no bem-estar dos adolescentes. É essencial que escolas proporcionem um ambiente acolhedor e respeitoso, com apoio emocional e educacional, para que os adolescentes possam se desenvolver de maneira saudável e positiva (CARDOSO et al., 2019).

Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua história

De acordo com Bonfim e colaboradores (2023), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de origem biológica que sofre influências do ambiente. Esse transtorno manifesta-se como um conjunto de distúrbios que se caracterizam pela deficiência em interações e comunicações sociais, bem como por padrões estereotipados e repetitivos de comportamento, além de um desenvolvimento intelectual irregular. Conforme os estudos de Silva Júnior e Moreira (2021), esta é a definição mais aceita pela comunidade médica e científica, por conta dos sinais e sintomas evidenciados em pacientes diagnosticados com TEA.

Segundo Gomes (2023), a expressão autismo foi inicialmente utilizada pelo psiquiatra Leo Kanner, tendo base originalmente na ideia concebida por seu colega suíço Eugene Bleuler, em 1911, Bleuler publicou o termo “autismo” para explicar o distanciamento do mundo exterior notado em adultos com que sofriam de esquizofrenia, e que tem uma predisposição a mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos, além de viverem em seu próprio mundo particular. A palavra “Autismo” vem da palavra grega “autos”, que significa “próprio”. Autismo significa, literalmente, viver em função de si mesmo.

O termo “autismo” surgiu após observação e estudos feitos com onze crianças, que considerou com “autismo infantil precoce”, quando passavam por uma etapa em que pareciam estar muito concentradas em si mesmas, sem mostrar interesse por outras pessoas. Estas crianças apresentavam os seguintes sintomas: extrema solidão autista, incapacidade para se relacionar com as pessoas e alterações de linguagem e comunicação muito severas, tanto no plano expressivo

como no receptivo. A palavra refere-se assim, á incapacidade em estabelecer relações sociais (GOMES, 2023).

Gomes (2023), fala sobre renomado psiquiatra austríaco Leo Kanner, que foi o pioneiro em publicar estudos sobre o autismo, em 1943. Seu estudo contemplou 11 crianças, com idades entre 2 e 11 anos, e a partir dessa pesquisa, foi possível identificar algumas características marcantes dessas crianças. Kanner observou a dificuldade de interação social, comunicação e comportamento, definindo como "distúrbio do contato afetivo". Esse distúrbio se caracterizava pela obsessividade, estereotípias e ecolalia. Kanner afirmou que essas crianças tinham uma "incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas" (SOUZA, 2022).

Posteriormente, em 1967, Bruno Bettelheim, um defensor das ideias de Kanner, publicou o livro "A Fortaleza Vazia" baseado em explicações psicanalíticas, corroborando o termo "mãe geladeira". Naquela época, o autismo era concebido exclusivamente em termos negativos, culpando os pais por não estabelecerem relações objetivas precoces. Essa ideia, embora sem respaldo científico, ainda persiste no imaginário social, trazendo culpa e insuficiência para as mães de crianças autistas. É importante criticar e rejeitar fortemente essa noção, pois o autismo não é causado pela falta de afeto materno. Infelizmente, essa crença continua a causar sofrimento para muitas famílias, e é preciso conscientizar a sociedade sobre a verdadeira natureza do autismo (BRITO, 2022).

Na Áustria, em 1944, Hans Asperger publicou sua tese de doutorado intitulada "Psicopatia Autística", na qual apresentou dados sobre crianças que apresentavam características específicas na comunicação e na área social. Infelizmente, devido ao contexto da Segunda Guerra Mundial, houve uma falta de comunicação entre os estudos produzidos por Asperger e Leo Kanner, que também investigou e chegou a conclusões sobre o autismo infantil. Além disso, a dificuldade na tradução do alemão dificultou a divulgação dos resultados identificados por Asperger. Como resultado, os dados produzidos por Kanner foram mais amplamente divulgados pela comunidade científica e pelos profissionais da saúde (CAMINHA, 2013).

Desde a década de 1960, a compreensão do autismo tem evoluído e, em 2013, o DSM-5 classificou o autismo como um transtorno do neurodesenvolvimento, sob a categoria do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). O TEA é um guarda-

chuva que abrange diferentes subdivisões dos transtornos do neurodesenvolvimento. É importante destacar que essa mudança na classificação não diminui a complexidade e a diversidade do autismo, mas sim ajuda a fornecer uma base mais precisa para diagnósticos e tratamentos. Em resumo, o trabalho de Asperger e Kanner foi fundamental para a compreensão e a evolução do estudo do autismo. Embora tenha havido dificuldades na comunicação e divulgação dos resultados, as pesquisas continuam a avançar e a fornecer uma melhor compreensão desse transtorno complexo (SILVA, 2021).

Souza (2022), descreve que os resultados dessa pesquisa indicaram que as crianças com autismo viviam em um mundo isolado, com dificuldades na fala, ansiedade e obsessão por rotinas. Elas apresentavam dificuldades de interação no convívio familiar e no ambiente social. A partir dessas observações, Kanner relacionou o autismo às manifestações esquizofrênicas e alertou sobre a possibilidade de identificação dos sinais antes dos três anos de idade. Seu trabalho pioneiro foi fundamental para a compreensão do transtorno do espectro autista e ainda é referência na área até os dias de hoje.

O autismo afeta de forma notável a habilidade social das pessoas, dificultando a compreensão dos sinais sociais e intenções dos outros. Isso acaba por afetar a percepção e interpretação de algumas situações ao redor. Em segundo lugar, a comunicação verbal e não verbal também é impactada. E, por fim, as inadequações comportamentais tornam-se visíveis devido ao repertório restrito e repetitivo de interesses e atividades, como o interesse em trens, carros, dinossauros entre outros. É comum a dificuldade em lidar com o inesperado e falta de flexibilidade para mudar suas rotinas (SILVA, 2013).

Ao longo da evolução do conhecimento sobre TEA, sucederam-se fases confusas tanto no que diz respeito a sua etiologia (causas) quanto em suas modalidades de tratamento, de acordo com Mahler (2002) o autismo é definido como psicose simbiótica, atribuindo a causa do transtorno ao mau relacionamento entre a mãe e o filho. Dessa forma, em 1943 em seu artigo "*Distúrbios autísticos de contato afetivo*", Kanner distinguiu um substituto de TEA, o "autismo secundário" que aparece no segundo ano de vida. Nestes casos, a criança parece se desenvolver normalmente durante dezoito a vinte meses, mas logo se retraem, perdem a linguagem, interrompem seu desenvolvimento social e reduzem as atividades normais (FERREIRA, 2018).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo o DSM-5, é classificado em três níveis - leve, moderado e grave -, de acordo com as habilidades e suporte que o indivíduo apresenta. Além do diagnóstico baseado nas diretrizes do DSM-5, é importante incluir na avaliação escalas e ferramentas que possam auxiliar no rastreamento precoce do TEA. Atualmente, a identificação do autismo pode ocorrer antes mesmo dos 18 meses de idade, graças aos avanços científicos e uma equipe multiprofissional, formada por médicos, psicólogos, fonoaudiólogos e outros especialistas. Identificar as características do TEA precocemente é crucial para proporcionar uma maior qualidade de vida à criança autista. Por meio de intervenções educacionais, sociais e clínicas, é possível aumentar a independência e autonomia da criança, bem como prevenir possíveis agravamentos dos sintomas. Uma abordagem multidisciplinar é fundamental para um tratamento eficaz e uma qualidade de vida satisfatória à criança autista (SOUZA, 2022).

No mesmo ano, o Dr. Hans Asperger, cientista austríaco, usou o termo “psicopatia autista” para se referir a crianças com características de comportamentos similares. O que variou entre Kanner e Asperger foi o modelo como cada um interpretou o comportamento dos grupos. Kanner observou que três das onze crianças não falavam e as demais não utilizavam as capacidades linguísticas que possuíam; notou comportamentos autoestimuladores e movimentos “estranhos”. Asperger, no entanto, notou interesses intensos, e incomuns, rotinas repetitivas e apego a certos objetos. Possivelmente, ambos os cientistas estiveram diante de grupos semelhantes, mas, devido às diferentes interpretações, foram formuladas as chamadas “síndrome de Asperger” e “autismo de Kanner”, para se referir o TEA de alto e baixo nível de funcionamento, respectivamente (NASCIMENTO, 2021).

Possivelmente, ambos os cientistas estiveram diante de grupos semelhantes, mas, devido às diferentes interpretações, foram formuladas as chamadas “síndrome de Asperger” e “autismo de Kanner”, para se referir a autismos de alto e baixo nível de funcionamento, respectivamente (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p.448)

Como diferentes pessoas com TEA podem manifestar-se de diversas maneiras, considera-se isto como transtorno, ou seja, um conjunto de características que configuram um quadro. A esse quadro chamamos de síndrome de autista “uma alteração evolutiva do desenvolvimento que pode manifestar-se através de

dificuldades da comunicação verbal e gestual, alterações da interação social recíproca, um repertório restrito de atividades e interesses e padrões repetitivos de comportamento (DE OLIVEIRA, 2021).

Segundo Bialer (2022), além, da diferenciação entre a definição de “autismo” encontrada no dicionário e de seu significado etimológico, esta síndrome é ainda mais ampla do que aquela traçada, segundo o autor calculou-se a frequência de uma pessoa com autismo em cada 10 mil; enquanto que a pesquisa de A.S.A Leo Kanner(1943), calcula uma frequência maior: 15 em cada 10 mil. Logo identificou-se apenas indivíduos que não sofreram retardo mental. Posteriormente, foi observado que alguns indivíduos com retardo mental tinham sintomas autistas, enquanto outros não. Este fato explica, em grade parte, a diferença entre os dois índices de ocorrências de autismo. Outros termos que tem sido aplicados para o que agora de chamamos de “autismo”.

Provavelmente, muitos dos indivíduos com TEA eram rotulados como retardados ou esquizofrênicos na época em que esses termos não eram tão específicos e não se conheciam, tanto quanto hoje, sobre o autismo. Mas podemos dizer que o TEA representa um transtorno no desenvolvimento, que afeta a pessoa na sua totalidade. Essas pessoas têm dificuldade, principalmente, em entender as normas sociais que as outras pessoas executam naturalmente, como por exemplo, saudações, responder perguntas, e a simples atitude de esperar sua vez em uma fila. Geralmente essas pessoas não compreendem as frases com duplo sentido, brincadeiras, linguagem metafórica ou muitas das expressões emocionais como a tristeza, o ódio, alegria, a raiva e tantas outras emoções que para eles se apresentam com um grau de dificuldade muito grande (ANDRADE, 2022).

Tem se chamado autismo uma constituição do *ser* caracterizada por uma alteração no contato com a realidade, que tem como consequência para o indivíduo uma grande dificuldade em relacionar-se com os outros. Essa dificuldade está vinculada aos diversos fatores que incidem no desenvolvimento evolutivo do homem e que começam a se manifestar nos momentos iniciais da vida do ser humano (SERRA, 2020).

Hoje sabemos que o TEA não é gerado por uma única causa identificada uma vez que suas características podem ser muito variadas e responder a diversas razões. Por isso, é considerado uma síndrome multicausal e multifatorial. Dessa forma, pessoas com TEA podem apresentar sintomas diferentes, demonstrar

comportamentos distintos e vir de diversos ambientes. É devido a essas diferenças que o TEA também é considerado como transtorno de espectro ou síndrome e aplica-se a pessoas com perturbações do espectro autista ou A.S.D., sua sigla em inglês. (CHAVES, 2022).

Uma pessoa com sintomas de TEA leve encontra-se em um lado do espectro, enquanto uma pessoa com sintomas mais graves está do outro lado do espectro. No entanto, ambos têm uma forma de transtorno do espectro autista. Em muitos casos, o autista apresenta alteração em: comunicações, tanto verbal, como não verbal; interações sociais com outras pessoas, tanto físicas (por exemplo, abraçar ou agarrar) quanto verbais (como uma conversa); rotinas ou comportamentos repetitivos, tais como repetir palavras ou ações uma e outra vez, seguir rotinas ou calendário para suas atividades de maneira obsessiva ou ter modos muito específicos para corrigir seus pertences (BIALER, 2022).

Atualmente sabe-se que o retardo mental não é uma característica da síndrome autista. Entretanto, uma grande porcentagem de pessoas com autismo pode apresentar retardo mental como uma característica associada. Muitas vezes, por desconhecimento ou falta de “olho clínico”, ocorre uma confusão entre retardo mental e autismo. Dessa forma, é muito importante poder distinguir tais quadros (CHAVES, 2022).

Embora a definição de síndrome autista esteja voltada para crianças, o TEA não desaparece quando elas crescem. Há um grande número de textos escritos sobre autismo infantil, o que suscita muitas perguntas, e, conseqüentemente, são feitas e publicadas mais pesquisas sobre o assunto. Ademais, como o autismo começa a se manifestar antes dos três anos de idade, é dada maior atenção ao autismo na infância. Mas a criança que apresenta TEA será um adolescente e um adulto com características autistas por toda sua vida. Há ainda crianças que são tratadas desde de o início da doença, fazendo com o diagnóstico de autismo seja dado em idades posteriores a infância – puberdade, adolescência (ANDRADE, 2022).

Essas características diferenciadas são frequentemente detectadas nos primeiros anos de vida, são comportamentos que chamam a atenção dos adultos. Tais comportamentos podem ocorrer em diferentes níveis, que vão desde uma completa ausência de discurso perante a vida, um comportamento repetitivo, auto prejudicial e agressivo até formas mais suaves, que podem ser quase imperceptíveis e confundem-se com timidez, falta de atenção, déficits auditivos ou excentricidade.

Eles podem variar do comportamento solidário e indiferente a uma aceitação passiva dos outros, embora com grandes dificuldades para iniciar e manter relacionamentos, compartilhar interesses e desenvolver recíprocas (CHAVES, 2022).

Os primeiros sintomas do autismo manifestam-se, necessariamente, antes dos 3 anos de idade, o que faz com que os profissionais da área da saúde busquem incessantemente o diagnóstico precoce. O acompanhamento de marcos no desenvolvimento é de fundamental importância para o diagnóstico de qualquer alteração na primeira infância. No caso do TEA, essa importância aumenta, pois quanto antes notarmos que algo não vai bem, maiores serão as chances de corrigirmos as disfunções advindas desta condição. A principal área prejudicada, e a mais evidente, é a da habilidade social. A dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo percebam corretamente algumas situações no ambiente em que vivem. A segunda área comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. A terceira é a das inadequações comportamentais. Crianças com autismo apresentam repertório de interesses e atividades restritos e repetitivos (como interessar-se somente por trens, carros, dinossauros etc.), têm dificuldade de lidar com o inesperado e demonstram pouca flexibilidade para mudar as rotinas (DA SILVA CARVALHO et al., 2021).

A origem da Questão

Entender as causas do TEA desmistifica uma série de teorias que relacionam a sintomatologia com padrões de cuidados dos pais. Mesmo após décadas, algumas teorias ainda são usadas por profissionais desavisados, e não é incomum recebermos mães desoladas por se sentirem responsáveis pelo autismo do filho. Os estudos genéticos nos dão uma boa base para entendermos a origem do problema. Um estudo publicado pelo JAMA Psychiatry no último dia 17 de julho (2019) confirmou que 97% a 99% dos casos de autismo têm causa genética, sendo 81% hereditário. O trabalho científico, com 2 milhões de indivíduos, de cinco países diferentes, sugere ainda que de 18% a 20% dos casos tem causa genética somática (não hereditária). E o restante, aproximadamente de 1% a 3%, devem ter causas ambientais, pela exposição de agentes intrauterinos — como drogas, infecções, trauma durante a gestação (ARVELLOS, 2019).

A história da genética começa com Gregor Mendel (1822- -1884), monge agostiniano, botânico, formado pela Universidade de Viena, que utilizou modelos

matemáticos para falar de hereditariedade. Ele percebeu que características dos pais eram transmitidas para os descendentes. Seus trabalhos foram desenvolvidos principalmente com ervilhas, que apresentavam um tipo simples de herança, isto é, um gene transmitia determinada característica; por exemplo, ervilhas verdes teriam descendentes verdes. Assim, uma pessoa teria metade dos genes herdada da mãe e metade herdada do pai. Hoje sabemos que a combinação dos genes, que recebemos dos nossos pais no momento da fecundação, vai determinar as nossas características físicas e mentais, tais como a estatura, a cor dos cabelos e dos olhos, a inteligência e o risco para certas doenças (RIBEIRO, 2020).

Para nossa melhor compreensão podemos citar algumas possíveis causas genéticas, por isso é importante explicarmos, mesmo que de forma simples, alguns termos genéticos: Hereditariedade (herança biológica): transmissão de informações genéticas de pais para filhos na reprodução. Mutação: alteração no material genético, isto é, no DNA. Ela pode ocorrer espontaneamente ou ser induzida por um agente, por exemplo, medicação ou radiação. Cariótipo: conjunto de cromossomos de cada célula do organismo. Gene: segmento de molécula de DNA que contém uma instrução gênica codificada para a síntese de uma proteína, ou seja, é a informação que dará origem a uma característica do indivíduo. DNA: conjunto sequencial de genes ou informações. Síndrome genética: doença clínica com um conjunto de sintomas e sinais característicos que tem origem genética comprovada. Vários estudos e pesquisas estão focados na ligação entre os genes e o autismo (DE CAMARGO FERNANDES et al., 2018).

O maior deles é o Projeto Genoma do Autismo (Autism Genome Project) da Aliança Nacional para Pesquisa sobre Autismo (National Alliance for Autism Research — NAAR). Esses estudos, realizados em aproximadamente 50 instituições de pesquisa, em 19 países, investigam os 30 mil genes que formam o genoma humano, com o objetivo de identificar aqueles que desencadeiam o autismo. Estima-se que aproximadamente 15 genes seriam os "candidatos" do autismo, isto é, uma pessoa que tiver uma associação desses genes teria maior probabilidade de desenvolver autismo (RIBEIRO, 2020).

Podemos afirmar, após décadas de estudo, que o autismo tem como causa fundamental as alterações genéticas. As pesquisas apontam que a origem do transtorno estaria relacionada a um grupo de genes e da interação entre eles, e não a um gene único como causador do problema. Os estudos genéticos podem ser

feitos através da avaliação de gêmeos. Os gêmeos monozigóticos (idênticos) compartilham 100% do material genético, ou seja, eles são iguais porque têm exatamente os mesmos genes. Quando se considera a prevalência de autismo, temos uma grande concordância entre os dois irmãos: se um deles tem autismo, o outro apresenta 90% de chances de também ter (PASTERNAK, 2020).

Já para os gêmeos dizigóticos (não idênticos), a probabilidade cai para aproximadamente 4,5%, o mesmo risco de um irmão não gêmeo. Apesar da queda desse percentual, ele ainda é muito mais expressivo do que o da população em geral, já que o risco de qualquer recém-nascido ter autismo é de 0,6%. Essas diferenças constituem uma forte evidência de que o autismo é um transtorno com fortíssima herdabilidade. Em outras palavras, tem uma forte tendência a ser transmitido de pais para filhos. Alguns autores preferem dividir o autismo em dois grupos, o primeiro deles seria o autismo associado às síndromes genéticas bem determinadas, como a síndrome do X-frágil, a síndrome de Angelman, a esclerose tuberosa complexa, a fenil-cetonúria, a síndrome de Down, entre outras, pessoas que apresentam disfunções em determinado gene teriam uma chance maior de desenvolver o autismo. Assim sendo, é visto que existe uma inegável relação entre alterações dos genes e as formas como as pessoas se comportam, se comunicam e se relacionam socialmente (NUSSBAUM, 2018).

O outro grupo seria o do autismo chamado idiopático, isto é, aquele que não teria outra doença genética associada. Para esse autismo, consideramos alguns genes que ainda estão em estudo e não foram plenamente identificados em uma relação de causa e efeito. Este, sem dúvida, é o grande desafio da genética atual. Entender o funcionamento desse grupo de genes talvez seja o primeiro passo em busca da cura do autismo (OLIVEIRA, 2018).

Na prática clínica se observa algumas discussões entre os pais em que o tema principal é quem teria transmitido o gene do autismo para o filho. Isto, além de ser infundado, não traz nenhum benefício para a criança. Se nem ao menos sabemos o gene que origina o autismo, é impossível afirmarmos de onde ele vem, e possivelmente esse gene alterado nem seja procedente do pai ou da mãe. Pode ser que tenha ocorrido uma mutação naquele filho, um erro genético que não foi herdado, como acontece em inúmeras outras doenças, tais como a síndrome de Rett (anexo C), por exemplo (OLIVEIRA, 2018).

Pressupõe-se que o autismo é a combinação de genes com determinadas características do pai e outros genes com características da mãe. Algumas pesquisas corroboram essa teoria, uma vez que pais de crianças com autismo, muitas vezes, apresentam traços de autismo. Durante a investigação de um paciente com autismo, deve-se colher a história minuciosa de sua vida pregressa, desde o período da gestação, para assim avaliar possíveis alterações ou fatores relacionados ao desenvolvimento do feto (PASTERNAK, 2013).

Esse procedimento é de suma importância, especialmente, para se avaliar e descartar o surgimento de outras patologias associadas, entre as possíveis causas do autismo, a herança genética desempenha papel muito importante que determinam a formação cerebral, aliados aos fatores ambientais (externos) que formam o ser humano com suas habilidades ou talentos e com suas dificuldades ou inaptidões” (SANTOS, 2020).

Perspectiva histórico-cultural da inclusão de pessoas com TEA

A perspectiva histórico-cultural tem se mostrado uma base crucial para o Modelo Social da Deficiência, especialmente pelos escritos do renomado psicólogo soviético Lev S. Vigotski. Vigotski ofereceu uma nova abordagem para lidar com as pessoas com deficiência, afastando-se do modelo biomédico e suas crenças limitantes. Esses fundamentos têm sido amplamente utilizados em estudos e práticas contemporâneos no Brasil, mas ainda são pouco explorados em relação aos sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora Vigotski não tenha teorizado especificamente sobre o tema, acreditamos que os princípios da perspectiva histórico-cultural continuam relevantes para a inclusão dessa população. Este texto visa explicitar essa relação de forma profissional e coerente (SANTOS, 2021).

Os primeiros casos clínicos de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista contam uma história repleta de lutas, desafios e incertezas. Infelizmente, a segregação e a exclusão social também foram uma realidade para muitos desses indivíduos. Isso ocorreu porque, inicialmente, na década de 1940, o autismo foi associado a psicoses infantis, retardos mentais e sintomas negativos da esquizofrenia. Desde então, pesquisadores e profissionais das diversas áreas do conhecimento neuro psicossocial ainda buscam respostas para muitas perguntas.

Felizmente, em 2013, houve uma mudança significativa na forma como o autismo é compreendido. A publicação do Manual de Distúrbios Mentais em sua quinta edição (DSM-5) pela Associação de Psiquiatria Americana (APA, 2013) destacou que o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta duas dimensões do desenvolvimento humano: a sociocomunicativa e a comportamental. No entanto, o documento não aborda comprometimentos sensoriais e questões motoras que também podem estar presentes em indivíduos com autismo. Evidências mais recentes sugerem que disfunções sensoriais são um dos primeiros sinais de autismo em crianças pequenas (APA, 2013).

O Transtorno do Espectro Autista ainda é cercado por crenças equivocadas que limitam a visão da sociedade sobre o indivíduo autista. A ideia de que ele vive em seu próprio mundo, é agressivo, não se interage, não estabelece relações afetivas e não aprende, ainda persiste no imaginário social. Infelizmente, essa visão limitante gera barreiras atitudinais que dificultam a implementação do paradigma inclusivo nas instituições escolares. Profissionais impregnados por esses pensamentos discriminatórios e preconceituosos limitam o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes autistas. É necessário quebrar essas barreiras e promover uma visão mais ampla e inclusiva da diversidade humana (CAMINHA, 2013).

As barreiras atitudinais ainda são um obstáculo na prática pedagógica de profissionais que trabalham com estudantes autistas. É fundamental que os professores reflitam sobre qual concepção de aprendizagem e desenvolvimento eles assumem em relação a esses alunos. Será que eles ultrapassam os limites impostos pelo diagnóstico ou acreditam que a condição de autismo impede qualquer tipo de aprendizado? Infelizmente, muitos ainda acreditam na segunda opção, o que é um grande equívoco (BRITO, 2022).

Para promover a inclusão desses estudantes, é preciso ir além do diagnóstico e dos comprometimentos. É necessário enxergá-los como sujeitos capazes e focar na construção de estratégias de ensino que impulsionem o seu desenvolvimento. Como disse Santos (2017), “o caminho da inclusão é feito também, e sobretudo, pela superação de interpretações pré-concebidas e incoerentes, pois afetam a eficácia do agir pedagógico do professor” (SANTOS, 2017).

Para Souza (2021), não há nível de maturação necessário para a aprendizagem. Portanto, é fundamental que os professores incentivem a

aprendizagem em todas as suas formas para gerar o desenvolvimento dos estudantes autistas. Superar as barreiras atitudinais é um desafio diário para os profissionais da educação, mas é um passo essencial para garantir a inclusão e o sucesso desses alunos (SOUZA, 2021).

Ao longo do tempo, a escolarização de pessoas com deficiência passou por diversas transformações, guiadas por diferentes paradigmas. Para entender melhor como esse processo se desenrola nos dias de hoje, é fundamental compreender os avanços tanto na medicina quanto na pedagogia. No passado, indivíduos com deficiência física ou transtornos mentais eram considerados inúteis e excluídos da sociedade. Na Grécia Antiga, por exemplo, as pessoas eram comparadas aos deuses e precisavam ser perfeitas, fortes e saudáveis. Isso levou a perseguições, matanças e violência contra as PCDs, ignorando completamente suas habilidades, inteligências e competências. É importante lembrar que, hoje, a inclusão é um direito fundamental e todos têm o potencial de contribuir para a sociedade de maneira significativa (BRITO, 2022).

A partir da perspectiva cultural, a deficiência era vista como resultado de um entendimento histórico e, ao longo do tempo, assumiu diferentes formas, gerando conceitos, atitudes e demandas em relação às pessoas com deficiência (PCD). As crenças culturais permitiram que a sociedade evoluísse, desenvolvendo métodos para auxiliar na sobrevivência humana, desmistificando crenças arraigadas e abraçando novas teorias. No passado, muitos acreditavam que a deficiência física e mental era causada por maus espíritos, uma ideia compreensível naquela época. Durante o Cristianismo, as matanças foram condenadas, pois a vida foi valorizada, significando que todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiência, eram "filhas de Deus". Apesar das mudanças, aqueles considerados "loucos" eram excluídos da sociedade por serem considerados possuídos por demônios. É importante reconhecer a evolução da compreensão da deficiência ao longo do tempo e continuar a trabalhar para garantir que todas as pessoas sejam valorizadas e incluídas na sociedade (ALBINO, 2022).

Inclusão do adolescente com TEA no ambiente escolar

A implementação da inclusão escolar é essencial para garantir o direito à educação de qualidade, sem distinção ou preconceito. É a oportunidade que todos

os adolescentes, inclusive aqueles com necessidades educacionais específicas, têm de serem acolhidas e ter seus direitos garantidos enquanto cidadãos. Infelizmente, quando se trata de adolescentes diagnosticadas com Espectro Autista, muitas vezes elas são rotuladas como "diferentes", limitadas e excluídas da sociedade. Essa visão não poderia estar mais equivocada, já que as habilidades inatas dessas adolescentes são verdadeiramente notáveis e permitem uma reflexão acerca da percepção que a sociedade tem sobre elas. É papel da educação proporcionar ambientes inclusivos que valorizem todas as habilidades e potenciais dos alunos, independente de suas diferenças (CUNHA, 2014).

A inclusão é um processo fundamental para garantir que todos adolescentes possam se desenvolver plenamente, sendo o ambiente escolar o primeiro lugar fora do seio familiar em que são expostas. Conforme Ênia Amaro (2013 p.1), é essencial que todas as adolescentes recebam uma resposta educativa em um ambiente regular, capaz de estimular suas habilidades e capacidades. Afinal, a inclusão não é apenas uma questão de acesso, mas sim de oportunidades iguais para todos (ÊNIA AMARO, 2013).

Cunha (2014), ainda descreve que:

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (CUNHA, 2014, P.68).

Diante da presença da diversidade no ambiente escolar e da importância de oferecer educação a todos, surge a seguinte questão: como ocorre o processo de inclusão escolar de adolescentes com deficiência, incluindo aquelas com Transtorno do Espectro Autista? Garantir o direito da adolescente com TEA de participar da escolarização e entender como é feita a inclusão desses indivíduos é fundamental para superar os muitos desafios e dificuldades, oferecendo a ela experiências satisfatórias na escola. Estudar a inclusão escolar e as características do autismo que afetam a adolescente pode quebrar paradigmas, ampliar conhecimentos e ajudar a compreender as dificuldades, medos e conquistas vivenciados por esta adolescente durante o longo processo de inclusão escolar. Uma análise cuidadosa e sensível desse tema é essencial para que a inclusão se torne uma realidade cada vez mais presente e efetiva em nosso ambiente escolar (SOUZA, 2022).

A identificação desse aspecto pode desencadear pontos cruciais que precisam ser revistos e aprimorados, garantindo que a inclusão de adolescentes autistas na sala de aula seja um processo menos complicado tanto para os alunos quanto para os professores. Para que isso aconteça com eficiência, é preciso implementar ações que favoreçam a inclusão, como uma união forte entre a gestão, mudanças nas práticas pedagógicas, aperfeiçoamento do ensino e a inclusão de métodos de intervenção eficazes, como o ABA e o TEACCH, que promovem ensino e aprendizagem. Além disso, adaptações estruturais são necessárias e a capacitação de todo o grupo gestor é fundamental para que se tenha um conhecimento verdadeiro sobre pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Essa abordagem permitirá a adaptação e inclusão dessas pessoas na escola de forma mais fluida.

Uma escola que se pauta pela perspectiva inclusiva é aquela que abre suas portas para a igualdade e proporciona oportunidades de aprendizado a todas as adolescentes e jovens, independentemente de suas condições físicas, mentais, sociais, culturais ou outras. Como salienta a autora Mantoan (2013), para se efetivar uma inclusão escolar eficaz, especialmente para adolescentes com TEA, é necessária uma reestruturação pedagógica que envolva docentes e corpo gestor em um esforço conjunto e uníssono. Nesse sentido, Mantoan (2013, p.8) afirma que "é a escola que precisa mudar, e não os alunos, para que estes tenham acesso a ela!" A autora ainda explana que a educação escolar deve ser pensada e realizada tendo por base a ideia de uma formação integral do aluno, de acordo com suas capacidades e talentos, a partir de um ensino participativo, solidário e acolhedor. A perspectiva de formar uma nova geração em um projeto educacional inclusivo culmina em uma prática diária de cooperação e fraternidade, reconhecimento e valorização das diferenças, sem que isso impeça a interação com o universo do conhecimento em suas diferentes áreas. (MANTOAN, 2013, p.9)

Para garantir uma inclusão adequada do adolescente com TEA no ambiente escolar, é imprescindível que todos os membros da equipe cooperem de maneira respeitosa, benevolente e afetuosa. É fundamental que tanto a família quanto a escola dediquem esforços para entender e atender às necessidades individuais da adolescente, proporcionando um ambiente de apoio nas áreas necessárias, o que pode facilitar a convivência e o processo de aprendizado. É importante lembrar que essas adolescentes possuem diferentes níveis de inteligência e capacidade de

adaptar-se à inclusão escolar, algumas lidam bem com escolas regulares, enquanto outras necessitam de atendimento especializado por uma equipe multiprofissional capacitada e um ambiente escolar adequado. Portanto, é fundamental que a escola esteja preparada para oferecer o suporte necessário para garantir que cada adolescente receba a atenção e os recursos necessários para seu desenvolvimento educacional (SOUZA, 2022).

Existem documentos que garantem o direito das adolescentes com deficiência de frequentarem ambientes escolares, como o compromisso com a educação para todos, presente na Declaração de Lima (2022). Esse compromisso assegura o direito fundamental à educação, possibilitando que todas as adolescentes atinjam o nível adequado de aprendizagem. Além disso, adolescentes com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deve ser orientada para atender essas necessidades, promovendo uma pedagogia centrada na adolescente e combatendo atitudes discriminatórias. Escolas que adotam essa abordagem são efetivas para a maioria das adolescentes, aumentando a eficiência do sistema educacional e reduzindo custos (SANTANNA, 2019).

Além disso, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno Espectro Autista, instituída pela Lei nº 12.764/2012, assegura a inclusão escolar e o direito a acompanhamento especializado em casos de necessidade comprovada. O objetivo é garantir que todas as adolescentes tenham condições iguais de aprendizado, capazes de promover uma educação inclusiva e uma sociedade mais acolhedora e igualitária. É essencial que esses direitos sejam respeitados e que a educação continue sendo uma prioridade para todos (LIMA, 2022).

Existem várias normas e regulamentações que afirmam e reforçam a igualdade e o direito à educação para todos, independentemente de sua condição física ou mental. Dentre elas, destacamos a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a Declaração de Guatemala (1991) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei n.9394 (1996). Uma conquista recente na luta pelos direitos dos indivíduos no espectro autista foi a aprovação da Lei Berenice Piana, Lei nº 12.764, em 28 de dezembro de 2012. Essa lei instituiu a Política Nacional de Proteção dos direitos da pessoa com Transtornos do Espectro Autista, garantindo o acesso a diagnóstico precoce, tratamento e terapias, medicações pelo Sistema Único de Saúde, educação e proteção social, bem como serviços que visem a igualdade de

oportunidades. Essa conquista representa um grande avanço e é extremamente valorizada pelos familiares e pessoas envolvidas diretamente com adolescentes com TEA, pois garante a proteção e o respeito aos seus direitos fundamentais (SOUZA, 2022).

Apesar dos avanços no reconhecimento dos direitos das adolescentes com deficiência, em especial as que têm TEA, ainda há muitos obstáculos a serem superados para que a inclusão seja, de fato, uma realidade. O preconceito, ambientes pouco receptivos e profissionais menos capacitados são alguns dos desafios que precisam ser enfrentados para que esse processo flua de maneira efetiva. É necessário, portanto, que haja um esforço constante e conjunto para garantir que a inclusão seja uma experiência verdadeiramente bem-sucedida.

A importância de uma escola inclusiva não pode ser subestimada em relação à formação humana. É fundamental que as adolescentes autistas tenham acesso a um ambiente escolar que não os segregue, diferencie ou discrimine. Essa abordagem inclusiva cria oportunidades para que as adolescentes possam aprender, crescer e socializar juntas, promovendo uma sensibilização mútua e desenvolvendo uma compreensão mais profunda das necessidades e dificuldades do próximo. O ambiente escolar é um espaço social e de aprendizagem plural por natureza, e é essa pluralidade que deve ser encarada como veículo para uma formação integral do aluno, segundo suas habilidades e talentos individuais, e um ensino que seja participativo, solidário e acolhedor. A criação de uma abordagem educacional inclusiva e a formação de uma geração de alunos que valorize a cooperação, a fraternidade e a aceitação das diferenças são necessidades imperativas e devem ser encaradas como o principal objetivo de um projeto educacional que preze pela qualidade do conhecimento e do aprendizado. (MANTOAN, 2013, p.9).

Para que a inclusão escolar de pessoas com deficiência seja efetiva, é fundamental que a escola e sua equipe gestora atuem como facilitadores desse processo. Conhecer as particularidades de cada aluno é crucial para aprimorar as práticas pedagógicas e proporcionar um ambiente mais natural e acolhedor. Profissionais capacitados e atualizados são essenciais para garantir um aprendizado respeitoso e participativo para todos. Além disso, a atuação de uma equipe multidisciplinar pode ser determinante para o sucesso da inclusão. É importante considerar adaptações físicas e curriculares que garantam o progresso de cada aluno. Com essas medidas, adolescentes com Transtorno do Espectro Autista

podem se socializar com maior facilidade, se acostumar com a rotina escolar e desenvolver um aprendizado que atenda às suas necessidades individuais (SOUZA, 2022).

De acordo com Battisti e Helck (2015), oportunizar a convivência de adolescentes autistas com outras adolescentes dentro do ambiente escolar é uma ferramenta importante para estimular suas habilidades sociais e evitar o isolamento. Além disso, a inclusão escolar é um aspecto relevante do tratamento clínico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), já que interagir com diferentes pessoas pode auxiliar no diagnóstico precoce e no processo de socialização da adolescente.

Contudo, é importante destacar que o dinamismo dessa dinâmica depende do grau de acometimento do transtorno. Para adolescentes com TEA grave e clássico, o processo pode ser mais desafiador, exigindo profissionais especializados e estratégias individualizadas. Por outro lado, para adolescentes com grau leve do transtorno, é possível observar maior facilidade na aprendizagem e interação com os colegas de classe. Em resumo, é fundamental que a escola ofereça suporte e adaptações para que a inclusão seja efetiva e contribua para o desenvolvimento das habilidades sociais e pedagógicas da adolescente autista (BATTISTI E HELCK, 2015).

Desafios na socialização em ambiente escolar do adolescente com TEA

Fornecer a oportunidade de convívio escolar para adolescentes autistas, conforme mencionado por BATTISTI e HELCK (2015 p.17), ajuda a estimular suas habilidades de interação e evita que fiquem isoladas. Além disso, a inclusão escolar é uma parte fundamental do tratamento clínico para adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois interagir com outras pessoas fora do convívio familiar possibilita a identificação precoce do autismo e ajuda a adolescente já diagnosticada a se socializar e aprimorar as habilidades de comunicação. O nível de dinamismo escolar para adolescentes com TEA varia conforme o grau de acometimento do transtorno. Se for de nível grave e clássico, essas adolescentes enfrentam desafios mais complexos ao aprender e interagir – demandando, assim, especialistas treinados e abordagens individualizadas. Em contrapartida, quando o grau é leve, a adolescente tende a ter mais facilidade em acompanhar a aprendizagem pedagógica e a interagir com outras adolescentes.

A socialização é um desafio notável para as adolescentes com Autismo. Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012, p.80), após tentativas fracassadas, as adolescentes com TEA podem associar a vida em grupo a um momento desagradável. É aí que entra a intervenção de especialistas e professores através de atividades em grupo adequadas para conscientizar sobre as vantagens da interação social. Com o passar do tempo, a adolescente com autismo desenvolve suas próprias estratégias para lidar com as dificuldades interpessoais e se torna mais hábil socialmente. Esse contato com a diversidade também beneficia os demais alunos, ajudando-os a lidar e valorizar as diferenças, fortalecendo uma sociedade mais tolerante e solidária. (SILVA, GAIATO e REVELES, 2013, p.80)

Com efeito, é inegável que a escola assume uma posição determinante na formação e crescimento dos pequenos, especialmente no tocante às adolescentes autistas. Eis por que conhecer os primeiros indícios manifestados pela adolescente revela-se imprescindível para dirimir possíveis dificuldades em sua relação com o ambiente escolar. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DMS-5 (APA, 2013) – os sintomas, de fato, já se manifestam na primeira infância, retardando o processo de aprendizado. Assim, logrando identificar esses sinais, o professor pode, com propriedade, encorajar os pais a buscar um tratamento médico especializado, ao passo que a escola pode mobilizar-se no intuito de acomodar-se às necessidades e especificações do aluno. É exatamente assim que a educação se transforma em verdadeira ferramenta de desenvolvimento e formação de nossas adolescentes com autismo (APA, 2013)

O envolvimento dos pais no desenvolvimento de seus filhos é crucial para identificar possíveis sintomas de Transtorno do Espectro Autista precocemente. Graças à ampla gama de pesquisas e especialistas dedicados ao autismo, hoje em dia é possível acessar informações detalhadas sobre as características do transtorno sem precisar esperar por uma consulta presencial. Estudos recentes indicam que é possível perceber sinais de autismo em adolescentes com menos de 3 anos de idade. Esse fato é de extrema importância, pois permite que intervenções terapêuticas adequadas sejam implementadas para favorecer o desenvolvimento da adolescente e minimizar as complicações do transtorno. Mas ainda há desafios a serem enfrentados, especialmente quando falamos sobre como lidar com adolescentes autistas em sala de aula, tanto para o professor quanto para os

colegas de classe. Para superar essas dificuldades, é essencial ter uma compreensão aprofundada do autismo e da adolescente autista (SOUZA, 2022).

Para inclusão do adolescente com TEA é de grande relevância olhar além das particularidades e assim compreender seus desafios individualmente. Essa abordagem diferenciada permite que sejam construídos estratégias e métodos de intervenção para contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem de forma leve e eficaz. Segundo Battisti, Heck e Michels (2015), é essencial uma reestruturação na forma de ensinar e abordar a educação para adolescentes autistas, que envolve habilidades sociais, comportamentais, visuais e de rotina. Em suma, todas essas estratégias são fundamentais para promover o crescimento cognitivo e social da adolescente autista, além de elevar o bem-estar psicológico da família.

Para que a aprendizagem seja real e efetiva, a formação especializada e contínua dos professores é fundamental, principalmente quando se trata de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A Política Nacional de Proteção do Direito com TEA destaca a importância desse treinamento para uma interação produtiva entre professor e aluno. É preciso que os professores estejam preparados com a mais atual construção do conhecimento para criar práticas educacionais que favoreçam o desenvolvimento social e cognitivo desses estudantes (NOTA TÉCNICA N.24-2013-MEC-SECADI-DPEE).

Quando se trata da inclusão do adolescente com autismo na escola regular, é crucial considerar o papel do professor, que muitas vezes não está preparado para receber esses alunos. Esse artigo levanta a questão: qual é o papel do professor na inclusão escolar de crianças com autismo? O professor é um mediador fundamental no processo de inclusão, responsável por integrar o aluno na sala de aula e nas atividades com os demais colegas. O grande desafio atual é proporcionar uma educação inclusiva para todos, adaptada às necessidades educacionais especiais dos alunos (OLIVEIRA, 2020).

Como Borges (2013, p. 15) afirma, um aluno tem necessidades educacionais especiais quando enfrenta dificuldades maiores do que seus colegas para aprender o currículo, requerendo abordagens alternativas para alcançar o aprendizado. Miranda e Filho (2012, p. 12) destacam que, nesse processo, o educador deve potencializar a autonomia, criatividade e comunicação dos alunos, tornando-os produtores de seu próprio conhecimento. Alunos com autismo ou TEA apresentam características variadas que afetam suas relações interpessoais e linguagem,

exigindo apoio no processo de ensino-aprendizagem. A oferta de escolarização para todos, com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular, está gradualmente se tornando uma realidade no cenário educacional. É importante que os professores sejam capacitados e estejam preparados para esse desafio, garantindo uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos (Carneiro, 2012, p. 13).

O repensar das práticas pedagógicas é igualmente importante para facilitar a inclusão escolar. É uma exigência de todos os profissionais envolvidos que trabalhem juntos em prol das necessidades específicas dos alunos com TEA e garantam que eles recebam a atenção individualizada que merecem. A interação entre professor e aluno é um aspecto crucial para o desenvolvimento de cada um deles. Conforme bem enfatizou Orrú (2012), essa relação tem um impacto fundamental no progresso dos alunos com essa condição (ORRÚ, 2012).

A profissionalização dos professores é uma garantia de um ensino adequado e produtivo para os alunos com TEA. Com essa formação especializada, os professores estão melhor preparados para engajar esses alunos, criar um ambiente educacional positivo, construir práticas pedagógicas adequadas e, assim, atender às demandas desses alunos, permitindo que atinjam seu potencial máximo (SOUZA, 2022).

A parceria entre o professor e o aluno é essencial para a inclusão e interação adequadas no ambiente escolar. No entanto, ao lidar com adolescentes com TEA, o professor pode se deparar com uma falta de reciprocidade por parte dos alunos, o que torna crucial identificar os interesses da adolescente para criar um ambiente de aprendizado efetivo. O professor deve trabalhar as motivações por meio de um conteúdo variado, tendo em mente que cada aluno é exclusivo e apresenta desafios específicos no processo de aprendizagem. Portanto, é necessário observar as características individuais da adolescente, incluindo a forma como ela percebe o mundo, seus interesses, dificuldades, comorbidades, desenvolvimento linguístico e pensamentos. Ao fazer isso, o professor pode mediar de forma eficaz as ações da adolescente e promover o aprendizado mesmo diante de frustrações e dificuldades (SILVA, 2013).

Para uma avaliação psicopedagógica eficaz, é importante buscar a ajuda de diversos profissionais da área da educação. Felizmente, existem diversos instrumentos e estratégias para auxiliar nesse processo. O programa de ensino

individualizado, por exemplo, é uma opção que direciona a forma pedagógica do professor, permitindo que cada aluno desenvolva seu potencial de acordo com suas necessidades. Além disso, o atendimento educacional especializado pode fornecer recursos e adequações necessárias para atender a todas as adolescentes em sala de aula, sempre com a ajuda de professores qualificados. Com a ajuda desses profissionais, o processo de ensino-aprendizagem pode ser muito mais efetivo e gratificante para toda a comunidade escolar (LIMA, 2022).

Como mediadores do processo de aprendizagem, é nossa tarefa primordial adaptar nossas práticas pedagógicas para atender às necessidades de todos os alunos, incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista. Sabemos que a inclusão é uma jornada desafiadora, mas estamos comprometidos em quebrar as barreiras existentes e contribuir positivamente para o desenvolvimento social, efetivo e cognitivo de todas as adolescentes. Sabemos que juntos podemos fornecer às adolescentes com autismo o ambiente educacional inclusivo que elas merecem (CUNHA, 2014).

A socialização é um processo contínuo e fundamental na vida dos indivíduos, tanto para a aquisição de novos papéis sociais quanto para o ajuste à perda de papéis antigos. É através desse processo que os sistemas sociais são perpetuados e funcionam de maneira eficaz, já que os indivíduos desempenham seus papéis sociais, incorporando valores e padrões sociais vigentes em sua sociedade (MOREIRA, 2014).

De acordo com Galvão (2013, p.34), a criança passa por um período de dispersão e indiferenciação até que possa identificar sua personalidade e a dos outros, correspondendo a primeira ao eu e a segunda à categoria do não-eu. Portanto, o sentido do processo de socialização é de crescente individuação.

Segundo o autor Moreira (2014), a socialização ocorre quando a criança se adapta ao contexto social para garantir sua própria sobrevivência. À medida que a criança cresce, sua condição social se altera, pois a socialização exige a adaptação às leis da sociedade. Em resumo, a socialização é um processo vital para a integração dos indivíduos na sociedade e para sua adaptação às normas e valores vigentes. É através desse processo que a identidade individual é formada e que os sistemas sociais são mantidos em funcionamento eficiente.

A justificativa de que o adolescente deve ser matriculado na escola para ser socializada é amplamente difundida, especialmente nas instituições de ensino

infantil. Segundo SETONN apud DUBAR (2013), as proposições socializadoras de Durkheim tiveram grande repercussão e influenciaram outros sociólogos que se dedicaram ao mesmo tema. As abordagens culturais e funcionalistas da socialização enfatizam a importância da incorporação das maneiras de ser de um grupo, visão de mundo e relação com o futuro, ou seja, a interiorização incondicional de valores, normas e disposições sociais que tornam o indivíduo socialmente identificável. É fundamental compreender que a socialização é um processo essencial na formação dos indivíduos e contribui para a construção de uma sociedade mais coesa e harmoniosa (ALBINO, 2022).

Oportunidade de intervenção utilizando o método ABA

A sigla ABA, ou Análise do Comportamento Aplicado, é um termo em inglês que se baseia na filosofia de Skinner, um psicólogo Behaviorista radical que revolucionou os estudos sobre o comportamento humano. Diferentemente dos Behavioristas anteriores, como Watson e Pavlov, Skinner enxergava o ser humano de forma mais complexa e profunda. A Análise do Comportamento, portanto, estuda as diversas interações do ser humano com o ambiente, levando em consideração fatores como coisas materiais, socializações, história de vida e interação com o próprio ser. É uma abordagem profissional e altamente eficaz para entender e modificar comportamentos (BRITO, 2022).

O desenvolvimento da comunicação com crianças que possuem Transtorno do Espectro Autista é um desafio que exige esforço e conhecimento por parte dos pais e profissionais envolvidos. Além disso, a inclusão dessas crianças na sociedade requer uma abordagem multidisciplinar para garantir que elas tenham acesso a métodos de intervenções e tratamentos eficazes que permitam o desenvolvimento de habilidades essenciais como independência e autonomia. Atualmente, existem diversas opções de métodos de intervenção disponíveis, sendo que o ABA e o TEACCH se destacam por sua eficiência no processo de ensino-aprendizagem para crianças com TEA que não se ajustam às formas tradicionais de aprendizagem. É importante lembrar que a escolha do método de intervenção deve ser feita em conjunto com a equipe profissional responsável pelo tratamento da criança (ALVES, 2022).

A metodologia visa trabalhar problemas comportamentais e desenvolver novas habilidades, proporcionando uma melhor qualidade de vida para o paciente. Para isso, são realizadas investigações científicas minuciosas, antes, durante e após o tratamento, a fim de traçar uma escala de evolução precisa. É fundamental que a avaliação inicial seja cuidadosamente analisada, levando em consideração os eventos ambientais que influenciam o comportamento, a frequência, intensidade e forma como ocorrem, bem como as consequências que se seguem. Com base nesses dados, é possível elaborar uma estratégia funcional de intervenção. Após a avaliação inicial, é elaborado um Plano de Ensino Individualizado (PEI), que traça um caminho personalizado para cada paciente, com o objetivo de alcançar resultados efetivos e duradouros (PEREZ; COLTRI; LIMA, 2018).

A Análise Comportamental Aplicada - ABA - é uma abordagem científica altamente eficaz e segura no tratamento do autismo. Graças ao seu embasamento no Behaviorismo, esse método tem se mostrado essencial nas intervenções para crianças autistas ao analisar, observar e explicar as associações entre ambiente, comportamento humano e aprendizagem. A ABA é uma ferramenta que consiste em uma análise psicológica capaz de observar os comportamentos e habilidades que necessitam ser melhorados, desenvolvendo habilidades e traçando planos por meio de técnicas e atividades atraentes e envolventes. Ao seguirmos essa abordagem, damos um passo importante para o progresso dos infantes. A autora Mello (2007) explica de forma clara e objetiva como é realizado esse método e os pontos cruciais que defende (MEDEIROS, 2021).

É o campo de estudo que busca compreender os processos básicos que influenciam a forma como nos comportamos. Já a Análise do Comportamento Aplicada dedica-se a encontrar maneiras de utilizar esse conhecimento a fim de melhorar a aprendizagem de crianças autistas. Em suas abordagens, são incorporadas teorias de desenvolvimento e aprendizagem, bem como uma variedade de objetivos, avaliações e técnicas lúdicas e envolventes. Tudo isso é acompanhado de um reforço positivo para maximizar os resultados. Como profissionais da área, nosso objetivo é oferecer o melhor tratamento possível para cada indivíduo, com base em técnicas consistentes e comprovadamente eficazes (DA SILVA FAUSTINNO, 2021).

A análise comportamental aplicada (ABA) é uma metodologia que utiliza a associação entre comportamentos transformados e suas consequências para

promover a aprendizagem. Seu objetivo é avaliar e priorizar habilidades funcionais, facilitando aspectos importantes durante a interação e aprendizagem. O acompanhamento contínuo da avaliação comportamental ocorre nos espaços administrados, garantindo que as habilidades cruciais sejam orientadas e estimuladas através de uma aprendizagem intensiva. Um profissional qualificado aplica o método ABA, conduzindo as crianças através de incontáveis repetições até que elas demonstrem terem aprendido determinada habilidade. Dessa maneira, os comportamentos se tornam suficientes para que a criança siga aprendendo até se tornar independente. O objetivo é melhorar a atenção, foco, interação social e reduzir comportamentos problemáticos. É importante ressaltar que todo o processo de aprendizagem é conduzido com profissionalismo e rigor, garantindo o melhor resultado para a criança (SOUZA, 2022).

A modificação do comportamento é uma possibilidade real através da aplicação de estratégias intencionais e estruturadas, observando o ambiente e os comportamentos. É inegável que o reforço positivo dos comportamentos desejados é um fator determinante para a mudança de comportamento. De acordo com Martins (2020, p. 23), a utilização de estratégias comportamentais na escola contribui para uma aprendizagem significativa dos comportamentos necessários para o contexto escolar, promovendo a autonomia e independência do indivíduo e proporcionando segurança e conforto em suas relações com colegas e professores. É importante lembrar que o feedback constante é essencial para a manutenção do comportamento aprendido. O ambiente escolar também desempenha um papel crucial nesse processo, pois pode e deve ser adaptado para atender às necessidades individuais da criança com TEA, reduzindo a ansiedade e irritabilidade no contexto escolar. Em suma, a aplicação de estratégias comportamentais é uma ferramenta fundamental para a promoção de uma aprendizagem significativa e a adaptação do ambiente escolar é um fator determinante para o sucesso desse processo (MILAN, 2022).

Psicólogo e a inclusão escolar do adolescente

Desde a Declaração de Salamanca em 1994, a inclusão escolar tem sido um tema de discussão global. O documento ressaltou a importância de proporcionar a crianças, adolescentes e adultos com deficiência a oportunidade de estudar em

escolas regulares. Para isso, foram prescritas diretrizes que visam a adequação dessas instituições, garantindo uma educação de qualidade e um ambiente inclusivo. A declaração também enfatizou a necessidade de capacitar professores e funcionários para atender às necessidades dos estudantes com deficiência e a criação de políticas públicas para promover a inclusão escolar. É essencial que as escolas se adaptem à realidade dos alunos, a fim de garantir que todos tenham acesso a uma educação de qualidade (MEC, 2013).

A história da inclusão no Brasil marcou um importante avanço na luta pelos direitos das pessoas com deficiência. A criação de diretrizes relacionadas à igualdade, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, permitiu que a educação especial fosse oferecida em escolas regulares com serviços de apoio especializado. No entanto, é importante ressaltar que o processo de inclusão deve ser feito de forma justa e equitativa, sem excluir a realidade social, cultural, econômica e individualidade dos alunos. Infelizmente, no passado, o processo de inclusão acontecia de forma "perversa", com a ideia de igualdade para todos, mas sem considerar as necessidades individuais dos alunos, o que acabava por excluí-los. Portanto, a inclusão deve ser feita com o objetivo de promover a igualdade de oportunidades e equidade para todos (SANTOS; VIEIRA, 2017).

O papel do psicólogo escolar é fundamental nesse processo de transformação educacional. No entanto, para aqueles que desejam seguir essa área de atuação, é preciso ir além do modelo tradicional da psicologia clínica. É fundamental que o profissional se especialize e esteja preparado para lidar com demandas que vão muito além do psíquico. É preciso compreender a realidade educacional e cultural da escola e do aluno, incluindo o indivíduo de forma única e holística. Afinal, a educação não pode ser vista de forma isolada, mas sim como parte integrante de um contexto social, político e pedagógico. O psicólogo escolar tem um papel crucial nesse processo de transformação, e é preciso estar preparado para enfrentar os desafios e as complexidades desse universo tão rico e diverso (BRITO, 2022).

Na área da Psicologia escolar, é fundamental que o profissional esteja presente em todos os processos institucionais. Sua atuação não deve se limitar a demandas específicas, mas sim ser integrada à equipe como um todo. Assim, o psicólogo pode identificar o funcionamento da escola em todos os ambientes e traçar intervenções eficientes, mobilizando pais, alunos, professores e demais

funcionários. Com essa abordagem abrangente, o psicólogo se torna um agente importante no processo de inclusão, contribuindo para um ambiente escolar mais saudável e acolhedor para todos.

Para que a atuação profissional seja efetiva na inclusão, é necessário que haja uma mudança de perspectiva. Não basta apoiar-se em uma teoria, é preciso uma epistemologia que leve em conta tanto os fatores objetivos quanto subjetivos do processo ensinar-aprender. Além disso, é fundamental considerar as condições do contexto sociocultural, a importância das relações inter e intrassubjetivas professor-aluno, o aprendiz como sujeito do conhecimento e o papel social da escola na formação do cidadão (GUILHARDI; ROMANO; BAGAILOLO, 2015).

Brito (2022), descreve que essa ressignificação da atuação profissional implica a apropriação de referenciais teóricos que levem em consideração os processos interativos, conscientes e inconscientes, constitutivos dos sujeitos em processo de ensino, de desenvolvimento e de aprendizagem. É preciso, portanto, adotar uma perspectiva psicodinâmica e sócio-histórica, que não se concentre no indivíduo, mas nos sujeitos em relação.

Nesse sentido, o papel do psicólogo na inclusão vai muito além do trabalho com o próprio indivíduo. É necessário abranger a instituição como um todo, indo além dos muros e trabalhando com uma visão ampla. É preciso observar a demanda de cada um e preparar funcionários, professores, pais e alunos para esse processo. Somente assim será possível promover uma inclusão real e efetiva, que valorize a diversidade e respeite as diferenças (SANTOS; VIEIRA .2017).

A inclusão escolar de adolescentes com TEA apresenta múltiplos desafios, desde o ambiente complexo de aprendizagem até os obstáculos sociais, emocionais e acadêmicos que afetam a experiência escolar. Alguns desses alunos apresentam bom desempenho em áreas mais "baseadas em fatos" ou em áreas de interesse ou habilidade especial. Nesse sentido, é fundamental a inclusão do autista para seu desenvolvimento, e o psicólogo surge como um profissional essencial para auxiliar todas as partes interessadas, incluindo pais, professores, alunos e gestores, no processo de inclusão. A atuação do psicólogo nas instituições de ensino tem se intensificado desde a década de 30, contribuindo significativamente para a otimização dos processos de ensino-aprendizagem, promoção da saúde mental e bem-estar psicológico, além de tarefas de desenvolvimento de todos os elementos da comunidade educativa. O psicólogo escolar, por sua vez, oferece suporte técnico

aos professores, com embasamento científico acerca das alterações psíquicas e comportamentais que o autismo pode causar, agregando conhecimentos que facilitarão a compreensão das manifestações que o aluno autista possa apresentar e a melhor forma de lidar com elas. É fundamental reconhecer a importância do psicólogo na inclusão escolar do autista, um profissional que pode fazer toda a diferença no processo de aprendizagem e desenvolvimento dessas crianças (DE ALMEIDA, 2022).

Para que a sociedade possa acolher a diversidade de todas as pessoas, independentemente de suas singularidades, é essencial que haja um trabalho interdisciplinar. Nesse sentido, a colaboração entre a psicologia e a educação é fundamental para compreender o desenvolvimento psicológico e refletir sobre como integrar todas as áreas e suas extensões, contribuindo para a efetividade das propostas educacionais (CIANTELLI APC, et al., 2017).

O psicólogo desempenha um papel essencial no suporte ao desenvolvimento de crianças autistas, ajudando a integrá-las ao ambiente escolar, à sociedade e à família. Ele também instrui e educa pais e professores para promover um convívio harmonioso, que é a base necessária para encontrar condições propícias ao crescimento social, de ensino e aprendizagem. O psicólogo escolar deve desenvolver ferramentas adequadas para auxiliar nesse crescimento. Conviver com diferenças e encontrar rotas que facilitem a realização de um trabalho genuíno e eficaz é o propósito a ser alcançado pelo psicólogo e demais envolvidos (SACRAMENTO SJS e SILVA MS, 2019).

Em resumo, a colaboração interdisciplinar entre a psicologia e a educação é essencial para apoiar o desenvolvimento de crianças autistas e promover um convívio harmonioso em todos os ambientes. O trabalho do psicólogo escolar é fundamental para desenvolver ferramentas adequadas e encontrar rotas que facilitem a realização de um trabalho genuíno e eficaz. (SACRAMENTO SJS e SILVA MS, 2019).

METODOLOGIA

Este estudo apresenta uma revisão bibliográfica e qualitativa de literatura, que consiste na análise crítica de obras publicadas em livros, artigos de revistas impressas e eletrônicas. Segundo Rother (2018), essa categoria de artigos é essencial para a educação continuada, pois permite aos leitores atualizar seus conhecimentos sobre técnicas específicas de forma rápida. No entanto, é importante destacar que a revisão narrativa não possui metodologia para reprodução de dados e não fornece respostas quantitativas para questões específicas.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com precisão, por meio da busca eletrônica de artigos, teses e dissertações publicados entre 2013 e 2023 nas renomadas bases de dados SciELO, Bireme e Capes. A fim de aprimorar a pesquisa, foram utilizadas descritores-chaves, tais como autismo, inclusão escolar, educação especial, escolarização, adolescente, TEA e socialização. Foram selecionados apenas trabalhos completos que abordassem o processo de socialização de alunos adolescentes com TEA. De forma descritiva, foram analisadas 10 produções, todas com foco profundo e relevante nessa temática.

Esta pesquisa tem como foco a inclusão do adolescente com TEA no ambiente escolar. Através da análise de diversos elementos e conceitos, objetivamos contribuir para uma melhor compreensão de como se dá essa inclusão. Para isso, adotamos um método seguro e econômico, conforme afirmado por Ruiz (2013, p.137). Ao estruturarmos nossa pesquisa e selecionarmos os métodos e instrumentos a serem utilizados, optamos por uma abordagem qualitativa, que permite uma análise mais profunda do contexto e da dinâmica das relações sociais. Ao descrever e explicar o processo de inclusão escolar do aluno com TEA,

buscamos esclarecer aspectos que não são quantificáveis e que têm impacto significativo na experiência escolar dessas crianças.

A pesquisa bibliográfica é como uma dança: exige flexibilidade e atenção aos movimentos, mas, ao mesmo tempo, flui com tranquilidade. É um processo que valoriza a observação minuciosa e a compreensão profunda dos temas abordados. Ao contrário das pesquisas quantitativas, que priorizam a representatividade numérica, a pesquisa bibliográfica busca aprofundar o entendimento de um grupo social ou organização. Os pesquisadores que a adotam reconhecem que as ciências sociais têm suas especificidades e, por isso, desenvolvem uma metodologia própria, que valoriza a explicação dos porquês das coisas.

As análises são baseadas em dados não-métricos, que surgem a partir da interação com o objeto estudado. Aqui, o cientista é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de suas pesquisas, em um processo imprevisível e dinâmico. O objetivo não é produzir uma grande amostra, mas sim uma amostra capaz de produzir novas e ilustrativas informações. Como dizem Gerhard e Silveira (2009), na pesquisa qualitativa, não se trata de quantificar valores e trocas simbólicas, mas sim de explorá-las em toda sua riqueza e complexidade (AMORIM, 2013).

O DeCS utilizamos descritores indexados para categorizar as publicações relacionadas ao TEA, autismo, Adolescente, Socialização. Dessa forma, foram estabelecidas quatro relações: 1) TEA; 2) Adolescentes; 3) Socialização; 4) Autismo.

Para a seleção das amostras de publicações, foram lidos os resumos e excluídos os artigos que abordavam apenas adolescentes. O critério de inclusão foi a abordagem da correlação entre os dois, suas consequências, a socialização e o aspecto em ambiente escolar.

Este processo de categorização e seleção de amostras é essencial para a produção de um estudo profissional e confiável sobre o tema.

A revisão de literatura científica é uma ferramenta valiosa para atualização de conhecimentos em determinado assunto. Diferentemente de estudos quantitativos, esta revisão se concentra em respostas qualitativas, com o objetivo de descrever, discutir e desenvolver teoricamente o tema em questão. Sua estrutura é composta por quatro partes: introdução, desenvolvimento (dividido em capítulos), comentários e referências. É importante ressaltar que, neste formato de revisão, não são informadas as fontes de informação utilizadas, nem os critérios de seleção e avaliação dos trabalhos. As pesquisas são realizadas em literaturas, artigos e

revistas eletrônicas, por meio da interpretação e análise do autor. A revisão narrativa é uma ferramenta essencial para atualização de conhecimentos e desenvolvimento teórico em determinado assunto (BONFIM, 2015).

RESULTADOS

Caracterização das pesquisas segundo o título de pesquisa, seus autores e principais resultados.

Nº	TÍTULO DE PESQUISA	AUTORES/ANO	OBJETIVOS
01	Um Olhar Cuidadoso: Transtorno Do Espectro Autista No Âmbito Da Inclusão Escolar.	ALBINO, Malu de Souza Barbosa Ferreira; VARGAS, Thamyres Bandoli Tavares /2022	Objetiva-se, com o presente artigo, informar e discorrer acerca do processo de inclusão, bem como sua história evolutiva ao longo dos anos, e o histórico da educação ofertada a pessoas com TEA, além de elucidar a importância da inclusão para esse público.
02	Inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática.	BATTISTI, Aline Vasconcelos e HELCK, Giomar M.Poletto /2015	analisar e compreender como acontece o processo de inclusão escolar da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) através de estudos bibliográficos, assim como, descobrir as principais características da criança autista, o processo de socialização, as dificuldades enfrentadas por parte da mesma e do grupo gestor, além de observar a aplicabilidade dos modelos de intervenções como o método ABA e TEACCH.
03	Aplicação da terapia aba (Análise do Comportamento Aplicada) na inclusão de crianças	BRITO, Raphael Martins de/2022	investigar, através da revisão da literatura, o papel do psicólogo no processo de inclusão de alunos autistas em escolas regulares e conhecer o método

	e adolescentes autistas em escolas regulares		Análise do Comportamento Aplicado neste processo.
04	Educação inclusiva: a importância da inclusão dos alunos com TEA no ambiente escolar.	GASPARELO, Andressa Cristina Bevenuto; CRUZ, José Anderson Santos; CUNHA, Arielly Kizzy/2019	Investigar educação inclusiva aos alunos com TEA no ambiente escolar, conhecendo o papel do professor e da escola, e a importância da inclusão desses alunos e a adaptação curricular.
05	A importância do psicólogo na inclusão escolar do autista.	DE ALMEIDA, Dayane Cezar/2022	
06	Relação Entre Família, Escola E Especialistas No Processo De Inclusão Escolar De Crianças Autistas No Município De Campo Formoso/Ba.	DA SILVA CARVALHO, Samara; SHAW, Gisele Soares Lemos/2021	investigar possíveis colaborações da família da escola e de especialistas no processo de inclusão escolar de três crianças autistas, estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, do município de Campo Formoso, Bahia.
07	Autismo E Inclusão: Psicopedagogia E Práticas Educativas Na Escola E Na Família.	CUNHA, Eugênio/2015	Investigar a inclusão no ambiente escolar de pessoas com TEA, visando as práticas educativas na escola e no ambiente familiar.
08	A Necessidade Da Participação Coletiva No Trabalho Inclusivo Com O Aluno Autista: Uma Reflexão Teórica.	GOMES, Danielle Aparecida Mendonça; DA SILVA, Elvis Magno/2023	discutir métodos que possam proporcionar a inclusão do aluno autista no ensino regular, buscando na interdisciplinaridade, métodos que contribuam para o desenvolvimento social do aluno. E tem como objetivos específicos: entender o processo inclusivo, possibilitar que o aluno desenvolva suas habilidades, buscar estratégias que melhorem o convívio social do aluno autista
09	As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma	MEDEIROS, Dailma da Silva/2021	apontar a análise do comportamento, como um método utilizado, que visa mediar o ensino e a aprendizagem de crianças com autismo

	revisão da literatura.		
10	Autismo na adolescência: uma análise da produção científica brasileira.	ZANETTI, Eliane Barbieri; DA SILVA, Denise Regina Quaresma/2020	revisar a literatura nacional de 2009 a 2019 na área da Psicologia, para verificar as produções acadêmicas sobre TEA (Transtorno do Espectro Autista) na Adolescência.

DISCUSSÃO

A partir da pesquisa nos bancos de dados mencionados, constatou-se que os indivíduos autistas necessitam de esforço constante para participar de diálogos. No entanto, quando se trata da adolescência, tudo muda - tanto o corpo quanto a mente passam por transformações, mesmo que com particularidades subjetivas para os adolescentes autistas. Alguns podem enfrentar mudanças físicas sem estarem totalmente preparados psicologicamente, já que podem sentir estranhamento em relação às sensações desse processo. O autismo na adolescência é considerado um distúrbio do neurodesenvolvimento, o que pode resultar em uma discrepância entre a idade mental e cronológica dos jovens. Eles experimentam significativas experiências socioculturais e a transição da infância para a adolescência pode ser turbulenta - e até mesmo não ocorrer - em função do ambiente em que vivem, afetando inclusive jovens adultos.

Albino (2022), descreve que a inclusão escolar é um processo complexo que envolve a adaptação de normas, regras, atividades e atitudes para atender às necessidades individuais de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. O objetivo é garantir o acesso à educação e o desenvolvimento pleno desses indivíduos, que têm particularidades únicas. A escola é um ambiente crucial para a socialização e a inclusão é fundamental para que todos os alunos possam participar plenamente desse processo.

Cunha (2015), menciona a história da inclusão, que passou por um longo caminho até os dias atuais, e este trabalho apresenta seus antecedentes e as leis que amparam as pessoas com deficiência. Além disso, aborda o histórico da educação oferecida às pessoas com TEA ao longo dos anos e a importância da

inclusão para esse público. Os objetivos específicos incluem a definição do TEA, uma reflexão sobre a qualidade da inclusão oferecida a pessoas com TEA e o significado real da inclusão, que ainda é um tabu na sociedade.

Battisti (2015), menciona que é fundamental que o adolescente autista tenha a oportunidade de interagir com outros adolescentes, a fim de superar as dificuldades sociais, para que seja necessário ampliar gradualmente as experiências sociais, permitindo o desenvolvimento de novos comportamentos e conhecimentos. Além disso, conviver com outros adolescentes da mesma idade estimula as habilidades interativas e evita o isolamento. A inclusão de adolescentes com TEA no ensino regular beneficia tanto elas quanto seus colegas. No entanto, é importante ressaltar que a falta de ambiente adequado e condições favoráveis à inclusão pode prejudicar todos indivíduos. Isso evidencia a necessidade de uma reforma geral no sistema social e escolar para que a inclusão seja efetiva.

Gomes (2023), aponta que para manter a atenção dos alunos autistas durante as aulas, é crucial que os professores utilizem métodos educacionais eficazes e inclusivos. Diversos estudos têm sido realizados para identificar as melhores práticas nesse sentido. Um exemplo é o método Picture Exchange Communication System (PECS), que permite que a criança autista desempenhe um papel ativo ao utilizar velcro ou adesivos para indicar o início, alterações ou final das atividades. Esse método facilita a comunicação e a compreensão, uma vez que as atividades e símbolos são associados a cartões e figuras, o autor destaca que outro método amplamente utilizado é o Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children 19 (TEACCH), que se baseia em informações visuais para aprimorar a linguagem, o aprendizado e reduzir comportamentos inadequados. Esse programa altamente estruturado combina diferentes materiais visuais para promover a independência da criança autista, estimulando-a a fazer movimentos corporais, como apontar e buscar.

Além desses métodos, o Son-Rise busca envolver todos os envolvidos com a criança autista na construção de novas maneiras de comunicação e interação, por meio de atividades lúdicas que promovam o aprendizado, a autonomia e a inclusão. É essencial que os professores sejam profissionais e capacitados para aplicar esses métodos de forma eficaz e adequada, garantindo que os alunos autistas possam se desenvolver plenamente em sala de aula (GOMES, 2023).

Medeiros (2021), salienta sobre a abordagem ABA, o autor declara que tem se mostrado altamente eficaz em diversos tratamentos e é um dos principais domínios da Análise do Comportamento. Essa modificação leva o indivíduo a manter ou evitar determinado comportamento, o que significa que as consequências têm um papel fundamental na modificação do ambiente. A ABA analisa cientificamente os comportamentos, identificando suas causas e trabalhando para diminuir ou aumentar sua frequência. A modificação ocorre quando o comportamento operante é reforçado positiva ou negativamente, mas é importante lembrar que o reforço não é intrinsecamente bom ou ruim e deve ser adaptado individualmente, com diferentes reforçadores para cada pessoa.

Da Silva Carvalho (2021), observa que além disso, é importante que a avaliação inicial seja cuidadosamente analisada, observando os eventos ambientais que influenciam o comportamento, compreendendo a forma, frequência e intensidade do comportamento, avaliando o evento antecedente e as consequências após o comportamento, para elaborar uma estratégia funcional de intervenção. Após a avaliação inicial e a elaboração do repertório comportamental, é necessário criar um plano de ensino individualizado (PEI) para traçar o caminho do tratamento, com formas diferentes para cada paciente.

Zanetti (2020), relata que a socialização é uma parte fundamental da vida de um adolescente. A escola é um lugar onde os jovens aprendem a interagir com outras pessoas, a fazer amigos e a construir relacionamentos. No entanto, para um adolescente com TEA, a socialização pode ser um grande desafio. Eles podem ter dificuldade em entender as normas sociais e em se comunicar com os colegas. Isso pode levar a sentimentos de isolamento e baixa autoestima. A escola pode ser um ambiente particularmente difícil para um adolescente com TEA. O ambiente escolar pode ser barulhento e caótico, o que pode ser avassalador para uma pessoa com autismo. Além disso, as interações sociais na escola podem ser complexas e sutis, o que pode ser difícil para um adolescente com TEA entender.

No entanto, segundo o mesmo autor ainda existem maneiras de ajudar um adolescente com TEA a se socializar na escola. Uma abordagem é fornecer suporte individualizado. Isso pode incluir um assistente de ensino ou um terapeuta que possa trabalhar com o adolescente para ajudá-lo a entender as normas sociais e a se comunicar com os colegas. Também pode ser útil criar um ambiente escolar mais tranquilo e organizado, com menos estímulos sensoriais. Outra abordagem é criar

oportunidades para que o adolescente com TEA se envolva em atividades extracurriculares. Isso pode incluir clubes, esportes ou outras atividades que possam ajudar o adolescente a se conectar com seus colegas de uma maneira mais significativa. Essas atividades também podem ajudar o adolescente a desenvolver habilidades sociais e a construir sua autoestima (ZANETTI, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, muito tem sido discutido sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus efeitos na adolescência. É importante ressaltar que, com o tempo, muitos jovens com TEA conseguem desenvolver habilidades sociais e lidar com desafios sociais em um ambiente escolar.

Entretanto, a socialização em ambiente escolar pode ser um grande desafio para adolescentes com TEA. A escola é um local de interação social constante, e isso pode gerar situações de conflito, estresse e ansiedade para esses jovens.

No entanto, existem maneiras de ajudar um adolescente com TEA a se socializar na escola. Uma abordagem é fornecer suporte individualizado. Isso pode incluir um assistente de ensino ou um terapeuta que possa trabalhar com o adolescente para ajudá-lo a entender as normas sociais e a se comunicar com os colegas. Também pode ser útil criar um ambiente escolar mais tranquilo e organizado, com menos estímulos sensoriais. Outra abordagem é criar oportunidades para que o adolescente com TEA se envolva em atividades extracurriculares. Isso pode incluir clubes, esportes ou outras atividades que possam ajudar o adolescente a se conectar com seus colegas de uma maneira mais significativa. Essas atividades também podem ajudar o adolescente a desenvolver habilidades sociais e a construir sua autoestima.

Sendo assim, a socialização pode ser um desafio para um adolescente com TEA em ambiente escolar. No entanto, existem maneiras de ajudar esses jovens a se conectar com seus colegas e a se sentir incluídos na escola. Com o suporte

adequado, um adolescente com TEA pode ter sucesso na escola e construir relacionamentos significativos com seus colegas.

Podemos concluir que a socialização de adolescentes com TEA em ambiente escolar apresenta desafios significativos. É importante compreender que cada indivíduo com TEA possui necessidades únicas e, assim, as estratégias de inclusão social devem ser personalizadas, objetivando criar um ambiente saudável e seguro para todos. Para tal, faz-se necessário o envolvimento conjunto de familiares, educadores, profissionais da saúde e demais membros da sociedade.

Cada fator contribui para a construção de uma educação inclusiva que respeita as diferenças individuais e proporciona o desenvolvimento pleno de cada estudante, incentivando o convívio social, o respeito mútuo e o bem-estar emocional. É por meio da conscientização e da promoção de uma cultura mais inclusiva que conseguimos superar os desafios da socialização de jovens com TEA, construindo uma sociedade mais justa e igualitária para todos, é importante que educadores, pais e profissionais de saúde trabalhem juntos para oferecer suporte adequado, incluindo terapias e adaptações no ambiente escolar. Com a compreensão e o suporte adequados, adolescentes com TEA podem desenvolver habilidades sociais e emocionais que lhes permitirão ter sucesso na escola e na vida em geral. É essencial que continuemos a promover a inclusão e a aceitação da diversidade em nossas comunidades escolares e além.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, Malu de Souza Barbosa Ferreira; VARGAS, Thamyres Bandoli Tavares. UM OLHAR CUIDADOSO: TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO DA INCLUSÃO ESCOLAR. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 11, p. 1470-1490, 2022.

ANDRADE, Raquel Barcelos de. Estereótipos e preconceito contra pessoas com transtorno do espectro autista. 2022.

ALVES, Lucas Henrique Barbosa. Algumas considerações sobre a Adolescência. In: **VII Congresso Nacional de Educação. Maceió**. 2020.

ALVES, Fábio Junior et al. Alvina: um protocolo para orientar o desenvolvimento e validação de tecnologias baseadas em aba para o tratamento do autismo. 2022.

ALEIXO, Joseph Daniel Alves. **Estudo da relação das alterações posturais em adolescentes com o uso de mochilas escolares**. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

ARVELLOS, Dulce Beatriz Silva de. **O ensino de História através do patrimônio local: uma proposta pedagógica para alunos com autismo**. 2019. Dissertação de Mestrado.

BATTISTI, Aline Vasconcelos e HELCK, Giomar M.Poletto. Inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática. Chapecó, 2015.

BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, 2022.

BONFIM, Tássia de Arruda et al. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 31, p. e3780, 2023.

BRITO, Raphael Martins de. Aplicação da terapia aba (Análise do Comportamento Aplicada) na inclusão de crianças e adolescentes autistas em escolas regulares. 2022.

CARDOSO, Priscila Carla; FONSECA, Débora Cristina. Adolescentes autores de atos infracionais: dificuldades de acesso e permanência na escola. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, 2019.

CHAVES, Gabrielle Augusta Bastos; OLIVEIRA, Rúbia Carla. EVIDÊNCIAS ACERCA DAS CAUSAS DA GÊNESE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). **Coletânea de trabalhos acadêmicos do Grupo Estudantil de Ensino, Pesquisa e Iniciação Científica (GEEPIC) do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)**, 2022.

CAMINHA, R. C. Investigação de Problemas Sensoriais em Crianças Autistas: Relações com o Grau de Severidade do Transtorno. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – PUC–Rio, Rio de Janeiro, 2013.

CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2015.

DA SILVA CARVALHO, Samara; SHAW, Gisele Soares Lemos. RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA, ESCOLA E ESPECIALISTAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS NO MUNICÍPIO DE CAMPO FORMOSO/BA. **Cenas Educacionais**, v. 4, p. e11868-e11868, 2021.

DA SILVA FAUSTINO, Antonia de Jesus et al. As abordagens terapêuticas psicológicas na qualidade de vida dos autistas: Revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e16010816870-e16010816870, 2021.

DE OLIVEIRA PEREIRA, Elizabeth Rodrigues; MASCARENHAS, Edicléa. **O corpo ganha lugar na educação inclusiva: um olhar para a motricidade no transtorno do espectro do autismo (TEA)**. Editora CRV, 2021.

DE LIMA, Jerlivaldo Cardoso; DE SOUZA LOPES, Dhonathan. BULLYNG: CONSEQUÊNCIAS E PREJUÍZOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR. **Revista Ensino, Saúde e Biotecnologia da Amazônia**, v. 2, n. esp., p. 66-70, 2020.

DE CAMARGO FERNANDES¹⁶, Maysa Soares; DE MORAES MALINVERNI¹⁷, Andréa Cristina; CARVALHEIRA¹⁸, Gianna. Genética do autismo: é possível compreender a sua herdabilidade. **ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, p. 76. 2018.

DE ALMEIDA, Dayane Cezar. A importância do psicólogo na inclusão escolar do autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 4, p. e10180-e10180, 2022.

DO NASCIMENTO, Raíssa Franco Marra; CASTRO, Douglas Pereira. O Papel do Professor na Orientação Sexual de Adolescentes nos Ambientes Escolares. **Revista Saúde e Educação**, v. 5, n. 1, p. 94-118, 2020.

DOS SANTOS, José Edilson Gonçalves; DA SILVA, Josefa Maria. IMPLICAÇÕES DA MATERNIDADE ADOLESCENTE: UM ESTUDO ESTATÍSTICO SOBRE O (IN) SUCESSO ESCOLAR. P. 01, 2015.

FEITOSA, Paula Gleysa Da Silva. ADOLESCÊNCIA: A INFLUÊNCIA DA FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DO ADOLESCENTE. In: **Direitos humanos-Produções em distintas áreas do conhecimento**. 2015.

GASPARELO, Andressa Cristina Bevenutti; CRUZ, José Anderson Santos; CUNHA, Arielly Kizzy. Educação inclusiva: a importância da inclusão dos alunos com tea no ambiente escolar. **Revista Científica do UBM**, p. 160-178, 2019.

GOMES, Aldeane José. Gravidez na adolescência e escolaridade: estudo de caso em escolas do município de Frutal/MG. 2016.

GOMES, Danielle Aparecida Mendonça; DA SILVA, Elvis Magno. A NECESSIDADE DA PARTICIPAÇÃO COLETIVA NO TRABALHO INCLUSIVO COM O ALUNO AUTISTA: UMA REFLEXÃO TEÓRICA. **REVISTA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**, v. 7, n. 1, p. 22, 2023.

LIMA, Nathalia. A inconstitucionalidade do rol taxativo da ANS no tratamento do Transtorno do Espectro Autista com fundamento no Estatuto da Pessoa com Deficiência (lei 13.146/2015). 2022.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer? 1 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

MEDEIROS, Dailma da Silva. As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. **Estudos IAT**, v. 6, n. 1, p. 63-83, 2021.

MEC. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva de educação inclusiva. Brasília, MEC.SEESP, 2013.

MOREIRA, Denise. Dificuldade de Aprendizagem: Um conceito Oriundo da Educação Bancária. 2014

MILAN, Davi et al. Capítulo 4 MÉTODO ABA COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA CRIANÇAS COM TEA. **SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: FoRMaÇÃo, pRÁtICaS E pESQuISaS**, p. 47, 2022.

NASCIMENTO, Thais Rodrigues de Carvalho. A família e a educação sexual de filhos (as) com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2021.

NUSSBAUM, L. R.; MCINNES, R. R.; WILLARD, F. H. Thompson & Thompson. Genética Médica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

PASTERNAK, J. J. Genética Molecular Humana: Mecanismos das Doenças Hereditárias. Barueri: Luagraf, 2013.

SANTANNA, Beatriz Gomes; GOMES, Ana Cristina. A revisão da Lei Brasileira de Inclusão à Pessoa com Deficiência (Lei n. 13146/15) e as falhas na sua aplicação. **Revista de Iniciação Científica e Extensão da Faculdade de Direito de Franca**, v. 4, n. 1, 2019.

SANTOS, Vanessa Nicolau Freitas; RAMOS, Phagner. A INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL. **REIN-REVISTA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**, v. 6, n. 4, 2021.

Santos, Vanessa N. F. (2017). Apego e Autismo: Uma análise sobre a relação de Apego de uma criança com TEA, seus pares e professoras no contexto inclusivo da

educação infantil. 180 f. Departamento de Educação. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017.

SERRA, Tatiana. **Autismo: um olhar a 360º**. Literare Books, 2020.

SILVA, Jaqueline Ferreira da et al. Adolescência e saúde mental: a perspectiva de profissionais da Atenção Básica em Saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, 2019.

SILVA, Tiago Pereira da. Política pública de proteção à criança e ao adolescente: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Município de João Pessoa/PB. 2017.

SILVA, Júlia Manuella Aleixo de Araújo da et al. Atuação do enfermeiro diante o diagnóstico precoce em criança com transtorno do espectro autista-TEA: uma revisão de literatura. 2022.

SOUZA, Niulayne Pereira et al. INCLUSÃO ESCOLAR DA CRIANÇA AUTISTA: UMA ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E INTERVENÇÕES ADOTADAS NO ÂMBITO ESCOLAR. 2022.

SOUSA, Maria Josiane Sousa. Professor e o Autismo: Desafios de uma Inclusão com Qualidade. Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar-UnB/UAB, 2015.

OLIVEIRA, G. K.; SARTIÉ, L. A. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para o aconselhamento genético, Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo, SP, Brasil. v. 15, nº. 2, 2017.

OLIVEIRA, Bruno Diniz; FELDMAN, Clara; COUTO, Maria Cristina Ventura; LIMA, Rossano Cabral. 2017. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. 2017

ORRÚ, Silva Ester. Autismo, linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2013.

ODA, F. Análise do comportamento e autismo: Marcos históricos descritos em publicações norte americanas influentes. Rev. Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Texas, 20(3), p. 86-98, 2018.

PIMENTEL, S., RISPOLI, M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. Rev. Educação Especial, v.26, n. 47, p. 639-650. 2013.

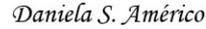
PEREZ, C; COLTRI, L; LIMA, R. Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo. Memnon edições científicas, São Paulo, 2018.

ZANETTI, Eliane Barbieri; DA SILVA, Denise Regina Quaresma. Autismo na adolescência: uma análise da produção científica brasileira. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 65, p. 10, 2020.

Página de assinaturas



João Cardoso
023.487.022-23
Signatário



Coordenação de Psicologia

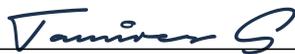
Coordenação Psicologia
005.484.062-78
Signatário



Milena Sousa
782.675.873-49
Signatário



Maria Silva
653.455.682-00
Signatário



Tamires Silva
052.656.882-85
Signatário



Dionis Souza
027.844.665-58
Signatário



tamires silva
052.656.882-85
Signatário

HISTÓRICO

19 jul 2023



- 21:31:21  **Maria do Socorro Ferreira da Silva** criou este documento. (E-mail: corrinhaf@gmail.com, CPF: 653.455.682-00)
- 19 jul 2023 21:31:21  **Maria do Socorro Ferreira da Silva** (E-mail: corrinhaf@gmail.com, CPF: 653.455.682-00) visualizou este documento por meio do IP 186.232.206.51 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023 17:08:03  **Maria do Socorro Ferreira da Silva** (E-mail: corrinhaf@gmail.com, CPF: 653.455.682-00) assinou este documento por meio do IP 186.232.206.51 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 20 jul 2023 16:03:34  **Milena Vieira Sousa** (E-mail: milenavieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) visualizou este documento por meio do IP 200.124.94.215 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 20 jul 2023 16:03:38  **Milena Vieira Sousa** (E-mail: milenavieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) assinou este documento por meio do IP 200.124.94.215 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 19 jul 2023 21:43:47  **João Luiz Sousa Cardoso** (E-mail: agronomojoaocardoso@outlook.com, CPF: 023.487.022-23) visualizou este documento por meio do IP 191.246.251.242 localizado em Belém - Para - Brazil
- 19 jul 2023 21:43:59  **João Luiz Sousa Cardoso** (E-mail: agronomojoaocardoso@outlook.com, CPF: 023.487.022-23) assinou este documento por meio do IP 170.231.133.45 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023 18:19:35  **Dionis Soares de Souza** (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) visualizou este documento por meio do IP 170.231.134.232 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023 18:19:40  **Dionis Soares de Souza** (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) assinou este documento por meio do IP 170.231.134.232 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 19 jul 2023 22:32:46  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 138.185.85.251 localizado em Santarém - Para - Brazil
- 19 jul 2023 22:33:09  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 138.185.85.251 localizado em Santarém - Para - Brazil
- 25 jul 2023 17:13:50  **Tamires Silvestre da Silva** (E-mail: tamiressilvestredasilva19@gmail.com, CPF: 052.656.882-85) visualizou este documento por meio do IP 186.232.206.51 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023 17:14:27  **Tamires Silvestre da Silva** (E-mail: tamiressilvestredasilva19@gmail.com, CPF: 052.656.882-85) assinou este documento por meio do IP 186.232.206.51 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023 21:48:15  **tamires silvestre da silva** (E-mail: tamiressilvestredasilva049@gmail.com, CPF: 052.656.882-85) visualizou este documento por meio do IP 186.232.206.51 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023 21:49:02  **tamires silvestre da silva** (E-mail: tamiressilvestredasilva049@gmail.com, CPF: 052.656.882-85) assinou este documento por meio do IP 186.232.206.51 localizado em Parauapebas - Para - Brazil

